



## DEMOCRACIA SEM ESTADO 12

No Curdistán están a ensaiar umha das propostas emancipatórias mais originais da região, um “zapatismo de guerra” em cuja superaçom do capitalismo e do Estado-naçom poderia estar a chave para a paz no Oriente Médio.

## FUTEBOL PARA O POVO 24

A Unión Deportiva Ourense, fundada por seguidores do desaparecido CD Ourense no verao passado, conseguiu o ascenso no primeiro ano de vida. Um sucesso para um projeto popular no que o destino está fixado polos sócios.

“A variante está pensada para grandes distâncias, nom é um projeto para a vizinhança”



FRAN DEVESA  
Vizinho de Valga e membro da Plataforma Vizinhal ‘Variante Nom!’  
Pág. 22 e 23

NÚMERO 146 | 15 DE MARÇO A 15 DE ABRIL DE 2015 | 2 €

# NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA



## GÉNERO E LUITA SINDICAL

# MULHERES LUITANDO NUM TABOLEIRO FEITO PARA HOMES

Trabalhadoras a enfrentar a violência patronal, as empregadas de Cleanet, encarregada da limpeza de instalaçoms militares, personificam a precarizaçom dos trabalhos feminizados e as agressoms aos direitos laborais quando se externalizam os serviços. CIG-Serviços também denuncia ameaças às trabalhadoras

que figérom greve cinco meses, mesmo tempo que a empresa acumulou em atrasos salariais. Mas os conflitos laborais som campo marcado por um sindicalismo ainda muito masculinizado. “Fam-che sentir que nom estás preparada por ter vagina e tetas”, admite Raquel Lema, secretária comarcal da CUT. / PÁG. 18-19

## Quando o que dói nom é a regra

Endometriose continua invisível, apesar de afetar umha em cada dez mulheres em idade fértil com dores incapacitantes / PÁG.16-17

## VIOLÊNCIA LABORAL E TRABALHO SEXUAL

# Agressoms machistas no posto de trabalho

O carácter machista dos conflitos laborais que afetam a maioria das trabalhadoras tem a sua expresom extrema no caso das trabalhadoras sexuais. De reconhecer-se a laboralidade desta atividade, os feminicídios por

prostituiçom -nom contabilizados polo estado como violência machista- seriam assassinatos durante a atividade laboral, dos que em só quatro anos se contam vinte e quatro casos no estado espanhol. / PÁG. 16-17



## APÓS A PERDA DO SISTEMA FINANCEIRO

# O aforro emigra, a Galiza encolhe

É o momento de perguntarmos polo comportamento dos depósitos e do crédito gerido pola banca operante na Galiza depois do severíssimo processo de contracçom e ajuste experimentado a partir de 2007 em que se abre a crise espanhola do

cimento e o tijolo que arrasou o sistema financeiro galego. Galiza está apanhada entre as duas lánimas da tesoura financeira: a do aforro excedente e a do crédito escasso, menor que o volume de depósitos. Análise de Joám Lopes Facal. / PÁG. 10-11

## OPINIOM

FEMINISMO MOLESTO NA ESQUERDA  
por Rocio Fraga / 3

TRÁS AS CINZAS DA IGUALDADE Iria Veiga/ 3

REBENTA-LO TODO por Lola Maceiras / 28



## SUPLEMENTO CENTRAL A REVISTA

### TEMPO DO CUCO

Aproximaçom a um pássaro “mais ouvido do que visto”, que tem ganhado oco na literatura popular e culta de todos os tempos

### O PATROM DA SEXUALIDADE POPULAR (E II)

Voltamos sobre o peso que no relativo com o amor, o sexo e a produçom, tivo Santo António na Galiza tradicional

## O PELOURINHO DO NOVAS

Se téis algunha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algunha inquietação ou mesmo algunha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverão ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA

GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçoms, como também de resumi-las ou extratá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis. Endereço: pelourinho@novasgz.com

## AS VACINAS DA IRA

Todos os pais do Estado espanhol devem saber que se algum dos seus filhos morre de meningite, o culpável é Mariano Rajoi, e assim o deveriam denunciar num julgado.

O Governo da Espanha, em contra do que di a Asociación Española de Pediatría, e em contra do resto de países da União Europeia onde sim se dispensa, optou por nom introduzir no calendário de vacinação das crianças espanholas, a vacina contra o meningococo, agente causal da mortal meningite. A vacina é totalmente inócua, como o resto delas, sendo a razão única da sua nom inclusom, umha razão económica.

Mas o que é mais aberrante é que, prevendo umha bandada de protestas e a conseqüente purga de votos porque uns pudessem pagar os 500 euros que custaria vacinar um neno, e outros nom estabelecendo claramente umha seleçom natural económica, 'só os ricos sobrevivem', decidírom proibir a sua venda em todo o Es-



tado espanhol. E nom só isso. Vendo que os pais que podiam iam para Portugal ou Andorra -

ou a Londres, como o dos abortos- mercá-la, proibírom aos médicos pô-la. É dizer, a inépcia

deste governo para evitar que os poucos que ainda os seguem nom deixem de votar-lhes, e

proibi-lo todo para que, no mínimo, todos sejamos iguais ante a morte, aqui disfarçada de bactéria Gram negativa.

Mas como som tam incompetentes, nom fôrom capazes de prever que os pais farám qualquer coisa por salvarem as suas crianças, e assim, criou-se umha rede de tráfico, em que a gente vai mercar a vacina ao estrangeiro e logo busca-se a vida para que algum médico ou pessoal de enfermeira conhecido lha ponha, assim 'de estragis'. E o que nom tenha um amigo sanitário 'que se foda', como dizia Andreita. Tanto se enchem a boca criticando Cuba e Venezuela em cada platô de televisom ao que vam, e criárom no Estado espanhol umha rede clandestina de supervivência em negro que seria a inveja de qualquer mafioso. Em fim, que esperar dos que apoiam -"Luís, sé fuerte"- a delinquentes.

**Julio Rodríguez, doutor em biologia e investigador em genética de enfermidades psiquiátricas (Compostela)**

## EDITORIAL

## Feminismo que nom nos empodera

Ao igual que o resto de mulheres, as que conformamos este jornal recebemos todos os dias umha violência machista que semelha ficar reduzida a estatísticas que se encaixonam em informes suministrados num dia por cada trescentos sessenta e quatro. Nesse único dia, apenas quedam organizaçoms feministas que aludam às greves das trabalhadoras estadunidenses ou a Clara Zetkin originando esta data no Congresso de Mulheres Socialistas no 1910. Nom há dúvida, o 8 de março está sendo saqueado.

Num caminho entre a defesa dos

direitos sexuais e reprodutivos -piar do feminismo radical- e as reivindicaçoms mais assumíveis polas cúpulas do feminismo institucional, ficamos envoltas na defesa da maternidade livre das mulheres heterossexuais homogeneizando a luta feminista. Ninguém criticou o atual governo desde o alto-falante por roubar às lésbicas e solteiras o acesso ao serviço público de reprodução assistida apesar de que seja a evidência de como o PP quer cravar-nos o ideal de família tradicional. As nossas carências nos direitos sexuais e reprodutivos brilham na nossa ignorância: como é possí-

vel que umha doença que afeta a 60.000 pessoas da Galiza seja totalmente desconhecida? A endometriose só nos afecta às mulheres.

Além da invisibilizaçom do feminismo de classe, o rebaixamento das reivindicaçoms sexuais e do oportunismo político -dos de *pasou o día, pasou a Romería*-, a institucionalizaçom do feminismo minimiza os métodos e conteúdos da necessária conquista de direitos das mulheres diluindo-a em vitimismo pois só ponhem o foco nas agressions patriarcais e nom em como punhos e sorrisos batem nelas. As feministas que pintam mu-

ros, criam comuna, expulsam agressores, entram espidas na taberna, as feministas de unhas e dentes -independentemente das suas estratégias- nom se están nomeando. Um feminismo que nom visibiliza a luta jamais empodera.

É preciso o feminismo autónomo para assinalar manipulaçoms de ativistas sacralizados ou mesmo a reticência a expulsar militantes denunciados por violaçom -mesmo mais dumha vez- amparando-se em sentenças absolutórias semelhando que o TSXG só é inquestionável em ditames machistas. É necessário o feminismo galego para denunciar

como a Lei de Igualdade impulsada polo governo Zapatero reduz a violência machista à perpetrada pola parelha ou ex-parelha deixando fora casos tam habituais como o acoso sexual ou tam demoletores como os feminicídios nom íntimos.

Sobre a mesa do lilás ficam debates como se o 8 de março é um dia de comemoraçom no qual se unem feministas do país para recobrar forças ou umha jornada que deve reflexar a luta das trabalhadoras. Mas semelha inquestionável que esta data pertence ao feminismo de classe e que na Galiza caminham manadas de feministas que através de diferentes fios combatem ao patriarcado e conseguem tecer o feminismo que sim empodera. Elas som o verdadeiro 8 de março.



**EDITORA**  
A.C. MINHO MEDIA

**CONSELHO DE REDAÇOM**  
Aarón López Rivas, Rubén Melide, Xavier Miquel, Raul Rios, Xoán R. Sampedro, Olga Romasanta, Beti Vázquez, Alonso Vidal e Ana Viqueira

**COORDENAÇOM:** Xoán R. Sampedro

**SECÇONS**  
**Cronologia:** Iván Cuevas / **Economía:** Raul Rios / **Mar:** Afonso Dieste /

**Media:** Xoán R. Sampedro e Gustavo Luca / **Além Minho:** Eduardo S. Maragoto / **Povos:** José Antom 'Muros' / **Dito e Feito:** Olga Romasanta / **A Denúncia:** Iván García / **Desportos:** Anjo Rúa Nova e Xermán Viluba / **Consumir Menos, Viver Melhor:** Xan Duro / **A Criança Natural:** María Álvares Rei / **Agenda:** Irene Cancelas / **A Revista:** Rubén Melide / **A Galiza Natural:** João Aveledo **Língua Nacional:** Isabel Rei Samartim / **Criaçom:** Patricia Janeiro / **Cinema:** Xurxo Chirro, Iván García Ambrúneiras e Julio Vilariño

**MAQUETAÇOM:** H. Carvalho, Manuel Pintor

**FOTOGRAFIA**  
Arquivo NGZ, Sole Rei, Galiza Independente (GZI-Foto), Zélia Garcia, Borja Toja

**ADMINISTRAÇOM:** Carlos Barros Gonçalves

**AUDIOVISUAL:** Galiza Contrainfo

**HUMOR GRÁFICO**  
Suso Sanmartin, Pestinho, Xosé Lois Hermo, Gonzalo, Ruth Caramés, Pepe Carreiro, Mincinho, Beto

**FECHO DE EDIÇOM:** 19/03/2015

**CORREÇOM LINGÜÍSTICA**  
Xiam Naia, F. Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero, Javier Garcia, Iván Velho, José Dias Cadaveira, Albano Coelho

**COLABORAM NESTE NÚMERO**  
Rocío Fraga, Iria Veiga, Damián Copena, Joám Lopes Facal, Suso Sanmartin, Carlos C. Varela, Mari Fidalgo, Antom Santos, Denis I. Llamas, Sílvia Pinha, Lola Maceiras, Fernando Lema, Gema Zunzunegui, Ricardo Apellido, Bimi Monsters, Jornal Mapa

## OPINIOM

# Feminismo molesto na esquerda

Rocío Fraga

**2**015 apresenta-se como um ano onde surgiu, no marco do que seria a esquerda, o desejo de levar a cabo a revolução democrática, surgem iniciativas que tentam romper com os eixos clássicos e, por fim, tomar a sério isso de exercer nova política. A esta aposta somam-se também organizaçõs e partidos clássicos, com ganas de mudar determinadas formas de fazer, mas com as dificuldades de fazê-lo quando levas tanto tempo funcionando do mesmo modo.

Todas e todos temos muito que aprender, a nova política, de feito consiste nisso, em rachar com velhas práticas e começar a aplicar outras novas. Do feminismo levamos muito tempo pondo em prática essas novas metodologias, e algumas se trasladam e se aceitam, mas que se passa quando, para além das metodologias, o que se pretende é abrir novos espaços de participaçom? Que se deixa espaços vazios até que sejam ocupados, por exemplo, por mulheres, e se imos mais alá e, aparte de lograr que se assumam uma paridade técnica, essa presença das mulheres seja a partir do feminismo? Aqui é onde as cousas já nom som tam formosas:

primeiro, quem ostenta poder, polo feito de ser varom (ser escutado, dispor de mais tempo para exercer no público, ter maior acesso à toma de decisõs...) custa-lhe muito deixá-lo, afastar-se, deixar oco. Segundo, deixar oco para quem? Para mulheres, com novas disponibilidades, novos códigos... empoderar-se na política sendo mulher precisa do feminismo, que compartam esses códigos e essas metodologias que funcionam gerando estruturas mais horizontais.

O feminismo seica molesta quando nos regemos por esquemas da velha política, seguimos a ser as pesadas, que sempre estamos com o mesmo, que os nossos argumentos já cansam, que sempre temos um mas, um matiz, que bloqueamos... mais gostaríamos de nom estarmos já diretamente 'encasilhadas', que os nossos argumentos de sempre evoluçãram, mas todo aponta a que nom

é assim. Avança-se em incorporaçom de novas perspectivas quando estas som populares e nom molestan, mas o feminismo molesta porque supom que, ou bem os nossos companheiros cedem espaços para que os ocupemos nós ou temo-los que arrebatam, com a

Avança-se em incorporaçom de novas perspectivas quando estas som populares e nom molestan

de e para quem observa.

Avanços há, com certeza, já temos companheiros que ademais de dizer que som feministas também o som. Mas há muitos que só o dim, enchem-se a boca, mas depois justificam o governo masculino da Syriza, ou proponhem que se substitua a palavra feminismo por igualdade quando se achegam umhas eleiçõs. Seica vende mais.



consequente violência que isto supom para todas as partes: para quem se tem que impor, para quem se defen-

# Trás as cinzas da igualdade

Iria Veiga

**A**o falar sobre 50 tons de cinza, é necessário fugir de duas focagens que resultam simplificadores e que dificultam centrar o problema principal: por umha banda, identificar qualquer sexualidade dissidente como desviada ou enferma. Por outra, reduzir as relaçõs afetivo-sexuais a acordos livres entre iguais, como se nom existissem condiçõs sociais, económicas e políticas que limitam a nossa escolha livre.

Na minha leitura, o romance é um relato que trata sobre o livre alvedrio. Também, umha fábula capitalista, já que o que a protagonista alcança através da relaçom com o seu suposto dominador é

nom ter de preocupar-se mais de nenhuma questom relacionada com ganhar-se a vida. Nom é casual, já que o livre alvedrio é a pedra angular do dogma capitalista, que sistematicamente nega qualquer outro condicionante externo que explique a situaçom social dos indivíduos, além dos próprios atos. Só estam livres deste mandamento aqueles declarados clinicamente enfermos, os quais podem ser objeto de caridade, já que nom som completamente responsáveis da sua situaçom.

Portanto, existem duas ideias-força extremadamente reacionárias, e nom umha, como parece desprender-se das ferozes críticas que se colheitãrom. A primeira e mais óbvia é a consideraçom de determinada prática sexual como umha enfermidade ou produto

Umha relaçom BDSM nom é umha relaçom de maltrato consentido, senom um jeito distinto de viver a performatividade do ato sexual

dum trauma. Evidentemente, as pessoas com sexualidades nom normativas nom padecem mais traumas do que o resto, fora dos que o próprio patriarcado poda causar justamente por nom se

ajustar à norma. Do mesmo jeito, umha relaçom BDSM nom é umha relaçom de maltrato consentido, senom um jeito distinto de viver a performatividade que envolve qualquer ato sexual. Quando se abandona a performatividade é quando nos adentramos no campo do maltrato, e abandonamos também qualquer pretensom de mutuo consentimento. Aqui aparece a segunda ideia-força, a de que a personagem supostamente saudável (Steel) escolhe livremente. Porém, Anastásia é debuxada em todo momento como umha pessoa incapaz de valer-se por si mesma, torpe e de inteligência escassa, o qual deixa bastante em questom a sua liberdade. Podemos supor entom que as mulheres que sofrem maltrato na vida real som responsáveis da sua situa-

çom, já que decidem "livremente" continuar com quem as maltrata? De novo, o truque de prestidixitaçom consiste em fazer desaparecer os outros fatores que limitam a liberdade pessoal: económicos, sociais, psicológicos...

Nom vou cair tampouco no alarmismo de dizer que este tipo de obras resultam prejudiciais ou que fomentam determinadas atitudes. A realidade é muito pior, em realidade este tipo de relatos devem ler-se como um sintoma: permitem revelar as verdadeiras atitudes sociais cara à violência de género e cara às sexualidades dissidentes, ocultas no geral polo discurso politicamente correto, que consideram as primeiras responsáveis do que lhes passa, e às segundas enfermidades ou desviaçõs.

## ACONTECE

## CADA DIA PERDEM-SE 20 EMPREGOS NO MAR GALEGO



Nos dous primeiros meses do 2015 destruírom-se 1.235 postos de emprego no mar. A cifra ascende aos 5.482 empregos perdidos desde 2008. Há dez anos havia 30.000 pessoas sujeitas ao regime especial do mar na Galiza. Hoje som 10.000 menos.

## RECORDE DE PROTESTOS ANTE O VALEDOR DO POVO



A instituição nunca tramitara tantos expedientes de queixa na sua história. O Valedor registou 24.149 expedientes, um 30 por cento mais do que em 2013. A maior parte das queixas estão vinculadas com abusos bancários.

## O MINISTÉRIO FISCAL SOLICITA A MULTA MÍNIMA

## Polícia portuguesa frustra tentativa de exílio de Heitor Naia

NGZ / “Heitor Naia, liberdade!”. Este era o berro que se escutava no passado 12 de março nas praças mais céntricas das principais vilas e cidades do país. O Organismo Popular Anti-repressivo Ceivar convocara concentrações em todas elas em solidariedade com ‘Koala’ -como o conhecem as suas amizades- que fora detido na manhã do dia anterior no aeroporto de Sá Carneiro do Porto. Segundo informárom agências, quando Naia foi capturado polo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras da polícia portuguesa estava em posesom de um passaporte falso e dispunha-se a embarcar num voo comercial com destino a Caracas.

Sobre Heitor pesa umha sentença da Audiência Nacional que o condena a 11 anos de cárcere por um delito de participação de organização terrorista e por outro de atentado com explosivo -a voadura falida das antenas do monte de Sam Paio (Vigo) em 2012. A principal prova na sua contra foi a testemunha de Xurxo Rodríguez, ao que a fiscalia ofereceu benefícios penitenciários -agora mesmo está internado no cárcere da Lama- em troca da sua declaração. Um dos juízes do tribunal, Ramón Sáez Valcárcel, chegou a emitir um voto particular discrepante com a sentença ao considerar que



Jaime Milhor (dir.), detido junto Heitor Naia no aeroporto Sá Carneiro do Porto

nom existiam elementos suficientes de prova contra ele. De Ceivar, fam finca-pé na inexistência de qualquer prova material contra o condenado. Umha vez rejeitado o seu recurso interposto pola sua defesa, o exílio parecia a única opção que Naia poderia ter para evitar os 11 anos de prisom.

No momento da sua detenção, o militante galego estava em companhia do venezuelano Jaime Milhor, militante da organização Alexis Vive, que foi retido pola polícia lusa. Numha rolda de imprensa convocada por Ceivar no dia a seguir da detenção, Milhor explicou que a sua organização, além doutros cometidos, se dedica a exercer a solidariedade com outros povos do mundo e a velar polo cumprimento dos direitos humanos. Após desvincular a sua orga-

nização da decisom pessoal de Heitor Naia, o militante internacionalista detalhou que o seu labor é documentar as vulnerações desses direitos contra ativistas políticos e reportá-las ao governo do seu país. “A detenção de Heitor Naia é expressom de um conflito que se desenvolve na sociedade galega e nom se pode permitir que isto nom seja difundido noutras partes do Mundo, menos ainda quando temos conhecimento real”, concluiu Jaime Milhor. Após a sua detenção, Naia foi condenado em Portugal a um ano de prisom por falsidade documental. O Tribunal de Relação do Porto decidiu extraditá-lo para o Estado espanhol, onde lhe espera o ingresso em prisom. A sua entrega ainda nom se produzira no fecho desta edição.



## ACHEGADAS DUVIDAM DO SUICÍDIO

## Acham morto na Lama um preso ativista de ‘Cárcere=Tortura’

NGZ / Borja Martín Gómez apareceu aforcado na sua cela do Centro Penitenciário A Lama o passado 6 de março. As pessoas achegadas, segundo denunciam diversas plataformas anti-repressivas, nom acreditam em que fosse um suicídio tal como indica a primeira versom oficial. O interno participava activamente da campanha Cárcere =Tortura e era conhecido por animar a outras pessoas privadas de liberdade a somar-se aos protestos. Martín Gómez estava submetido a um regime de primeiro grau polo que, entre outras privações, contava com menos horas de saída ao pátio e era acompanhado por mais de um funcionário em cada deslo-

camento realizado polo interior do cárcere. O achado do seu corpo produziu-se durante o momento de descanso, entre as 13.00 e 16.00 horas aproximadamente.

### Segundo activista morto na Lama em menos de um ano

O caso de Borja Martín nom é um facto ilhado. O 30 de abril de 2014, Eugenio García Serrano, conhecido como Gavioto, também apareceu aforcado no interior da sua cela no C.P. A Lama. García Serrano denunciara dentro da prisom o sistema carcerário e os regimes FIES. As pessoas mais próximas a ele tampouco nom acreditam na hipótese do suicídio.

## CRONOLOGIA

10.02.2015 / TSJG anula o falho que ordenara retirar a cruz do Castro em Vigo.

11.02.2015 / Rafael Orosa, de 35 anos, morre ao cair dum poste enquanto trabalhava na instalação elétrica da estrada entre Compostela e Roxos.

12.02.2015 / Condena ao Sergas pola morte dumha moça ao pouco de receber a alta hospitalar em Ferrol.

13.02.2015 / SOS Panadeira envia relatório à Oficina Anti-fraude da UE para solicitar investigação sobre a obra do embarcador do Náutico em Sam Genjo.

14.02.2015 / Ames Novo denuncia que a Federação Espanhola de Futebol denega a licença a um jogador infantil nom comunitário por entregar o certificado de empadramento em galego.

15.02.2015 / R.T.M., de Mugia, falece durante um controlo de trânsito da Guarda Civil em Corvera (Asturies), presumivelmente por ter ingerido drogas.

16.02.2015 / Tribunal Supremo rebaixa a pena imposta ao galego C.C.V. de 12 a 7 anos e absolve-o do delito de integração em banda armada.

17.02.2015 / Desarticulada umha rede que levava 16 anos prostituindo imigrantes nigeria-

nas na Corunha, Tarragona e Madri.

18.02.2015 / M.S.P., operário de 58 anos, morto ao cair dum telhado em Campelo (Banha).

19.02.2015 / Prisom da Lama ativa alerta biológica trás a abertura duns sobres que continham “pó branco”.

20.02.2015 / Direção de Povisa de Vigo anuncia retirada do ERE que previa o cese de 56

trabalhadores. Umha semana depois, despedirá 13 pessoas.

21.02.2015 / TSJG falha a favor do mantimento dumha casa em Fisterre que já foi derubada a 2014.

22.02.2015 / Aparece morta à beira do Minho umha estudante portuguesa desaparecida em Ourense no dia 16.

23.02.2015 / Cidades galegas acolhem concentrações diante das sedes do PP para exigir o di-

## 24M: GREVE ESTUDANTIL CONTRA O DECRETO 3 + 2



Organizações estudantis e sindicais convocam para o 24 de março umha nova greve do ensino. O objetivo é parar a privatização dos centros de educação de corte elitista e impedir o desmantelamento do sistema público. Em só 5 anos, o governo reduziu os orçamentos do sistema universitário galego em 86 milhões de euros.

## SUPRIMIDA A COMISOM QUE LIMITA O TRATAMENTO DA HEPATITE C



Sanidade deixa o subministro do fármaco em maos do pessoal médico. Deste jeito, elimina a Comissom que antes se encarregava desta função e que estava composta por cargos políticos segundo denunciaram as afectadas de Hepatite C. Em abril, prevê-se um aumento do reparto do fármaco às doentes de fase 2,3 e 4 da enfermidade.

## CONSELHO DE CONTAS DETETOU IRREGULARIDADES EM SETE ADJUDICAÇÕES POR 62 MILHONS

# Justiça investiga Meio Rural por prevaricar na contratação de helicópteros a Inaer

NGZ / Inaer Helicópteros Offshore leva anos ganhando os concursos públicos para emprestar os serviços de apoio aéreo ao salvamento marítimo e de transporte aéreo das brigadas contra-incêndios. Depois de que o NOVAS DA GALIZA (Nº 122, 127) denunciara várias irregularidades nos processos de contratação da Junta para premiar esta empresa, o Julgado de Instrução número 3 de Santiago e a fiscalia achárom indícios de prevaricação nas adjudicações que a Conselheria do Meio Rural e do Mar outorgou a Inaer. Segundo fontes da investigação citadas polo diário El País a pesquisa foi impulsada graças a um informe do Conselho de Contas no qual o organismo assinalava diversas irregularidades nesses contratos.

Já em 2012 a CIG apresentara umha denúncia por prevaricação contra a titular da conselheria, Rosa Quintana, e contra outros altos cargos da mesma por contratar o serviço de transporte aéreo das brigadas contra-incêndios a Inaer sem concurso público e por um importe de 6,6 milhões de euros. Nesse ano Inaer também assumiria a gestom das brigadas (antes dependente diretamente da Junta), subcontratando-a à sua vez a outra empresa, Natutechnia.



Em 2013 Meio Rural sim que apresentou concurso público para ambos serviços por esse ano e o seguinte, por valor de 12,3 milhões de euros. A este concurso, ademais de Inaer, apresentou-se umha firma

que já desenvolvera este serviço em Castela e Leom. A conselheira declarou o concurso deserto argumentando que nenhuma oferta cumpria as condições e convocou um novo processo negociado em

que escolheu diretamente os convidados. Apenas se apresentou Inaer, que ganhou o concurso apresentando umha rebaixa de 8.000 euros (0,06% dos 12,3 milhões). Para Contas, a conselheria “demorou

em excesso a convocatória” original e realizou umha “modificação substancial das condições iniciais”, o que constituiria a olhos deste tribunal “um obstáculo legal para a posterior convocatória deste procedimento sem publicidade, com infração dos princípios de publicidade e transparência”, polo que deveriam ter convocado um novo concurso. Além de tudo, a CIG chegou a demonstrar no seu dia através de provas fotográficas que Inaer tinha despregados os seus helicópteros nas bases da Junta mês e meio antes de o contrato ser adjudicado.

Umha vez iniciada a campanha contra os incêndios, Meio Rural contratou outros três novos helicópteros a Inaer, em dous casos sendo a empresa a única candidata e sem rebaixar nem um euro as licitações, umha de 3,7 milhões de euros e outra de um milhom. Sobre o terceiro helicóptero, Inaer sim efetuou umha pequena rebaixa.

O informe do Tribunal de Contas que ativou a investigação da fiscalia analisou um total de nove contratos de serviços aéreos e salvamento marítimo e contra-incêndios, realizados entre 2007 e 2012. Destes nove contratos a Junta adjudicou sete a Inaer, por um total de 62 milhões de euros, e nos sete o tribunal achou irregularidades.

## CRONOLOGIA

reito ao aborto livre e gratuito perante a nova reforma do PP.

24.02.2015 / Um operário morto ao precipitar-se enquanto trabalhava no Parque Tecnológico de Sam Cibrao das Vinhas.

25.02.2015 / TSJG ratifica a renovação da autorização ambiental à Ence de Ponte Vedra.

26.02.2015 / Comité de empresa do geriátrico das Gándaras (Lugo) denuncia que 26 resi-

dentos están mal atendidos por culpa dos cortes.

27.02.2015 / Greve e manifestações do estudiantado contra a reforma universitária de Wert. O dia anterior também convocara greve o Sindicato de Estudantes.

28.02.2015 / Valedor do Povo reclama num relatório enterrar a linha da alta tensom polas fragas de Catasós como pede a vizinhança.

01.03.2015 / Centos de doentes de hepatite C manifestam-se em Compostela reclamando 'medicação para todos e todas'.

02.03.2015 / Evacuados dous indigentes em Vigo ao incendiarse o edifício abandonado onde dormiam. Um deles morrerá por causa das queimaduras.

03.03.2015 / Fica na rua umha família com um bebé de Ourense cujo despejo fora adiado no dia 23 graças à oposição popular.

04.03.2015 / Segundo dados de Cáritas, por volta de 700.000 pessoas encontram-se em risco de pobreza ou exclusom social na Galiza.

05.03.2015 / Emigrantes retornados manifestam-se em Ribeira e Viveiro contra as multas de Fazenda.

06.03.2015 / Borja Martín Gómez, preso na Lama, é encontrado enforcado na sua cela.

07.03.2015 / Câmara de Santa Comba anuncia que o TSJG anulou a sentença de derrubo da praça do mercado.

08.03.2015 / Centos de pessoas manifestam-se baixo o lema “Feminismo para avançar. Todas juntas numha mesma luita”.

09.03.2015 / Juan Bordas, marinho burelao nascido em Peru, desaparecido trás o incêndio do “Guariste Primero” a 800 milhas ao sudoeste de Lima.

## POLÍCIA NACIONAL NEGA-SE A PARAR AGRESSOM HOMOFÓBICA



Perto de trinta ativistas LGTB da Corunha formavam parte da campanha “Bicos contra a violencia” quando começaram a tirar ovos contra elas. Ante a agressom, a polícia negou-se tanto a intervir como a recolher a denúncia dos feitos. As ativistas denunciárom o ocorrido ante a Fiscalía da Audiência Provincial.

## “NEM QUARTOS NA ROTUNDA, NEM ESTADO POLICIAL!”



Os protestos ocupárom as portas dos Julgados de Vigo enquanto dentro do edifício um trabalhador social comparecia ante o juiz. O homem está acusado de um delito de atentado durante os protestos contra o gasto de dinheiro públicos na colocom de um barco na rotunda de Coia, um dos bairros mais afetados polo empobrecimento.

## FRAN DEvesa É VIZINHO DE VALGA E MEMBRO DA PLATAFORMA VIZINHAL ‘VARIANTE NOM!’

# “Nom queremos que gastem cartos em ‘salvar-nos’ com algo que nom precisamos”

**NGZ / O projeto de construçom da variante CN-550, umha estrada que atravessaria os concelhos de Ponte Cesures e Valga, deu nas últimas semanas numha resposta vizinhal que, como já veu ocorrendo noutras partes do país diante de projetos semelhantes, rejeita umha obra que acham um esbanjamento inecessário de dinheiro público, pensada em Madrid e nom para as necessidades dos seus concelhos. Umha resposta que também asinha se vai fazendo tímida, numha mostra mais da impotência inculcada à sociedade polos poderes políticos e económicos.**

## Em que momento conhecedes o projeto de estrada?

No 2008-2009 aparece o projeto com quatro possíveis traçados, para expor nos concelhos a ver qual seria a mais viável. Os partidos entendêrom que a menos daninha seria a variante número 1, que vai paralela à autoestrada. Aí ficou, em trâmites e estudos de impacto, até o passado 31 de dezembro que chegamos as caixas para exposiçom pública do estudo do traçado número 4 para a variante, que recomenda o Ministério do Fomento. Atravessa de lado a lado a paróquia de Sam Miguel de Valga, a mais próxima ao que seria um centro urbano.

Levaria por diante casas, leiras, naves industriais, monte... e nom só. Nom temos em conta a gente à que nom tiram a casa, mas fodem-lha. Porque ao final que é pior? Que che expropiem a casa, ou que che passe a variante a quatro metros, sobre um muro de dous metros de terra? Ademais, a variante vai ser de partida de sentido único, mas está contemplada a ampliçom em qualquer momento. Que qualidade de vida tés assim?

Automaticamente após a exposiçom do projeto, os concelhos convocam uns plenos extraordinários em que se oponhem à al-

ternativa número 4, a mais prejudicial, e proponhem como soluçom que se opte no sítio pola alternativa 1, que já em 2009 propuseram como menos daninha.

## Umha das cousas de que vos queixades é do desconhecimento da realidade.

É um desastre, dim em Madrid 'há que fazer umha variante ali porque há que fazê-la', nem sabem bem por que. Nem sabem que aqui a gente tem horta para botar quatro patacas e quatro tomates e é fundamental para poder chegar ao fim de mês. Que lhe levas a horta e tiras-lhe um meio de subsistência. Nom o sabem ou dá-lhes igual. Haverá que dizer-lhe-lo se nom o sabem, e por isso o metemos nas alegaçoms.

Como pode ser mais barato expropriar-lhe a umha família um meio de vida que recuperar umha autoestrada que é nossa, que se financia com cartos nossos? Isso é inconcebível. E é umha decisom política, por muito que se empenhem em vendê-la como umha questom técnica -como dizia o alcalde nos plenos-. Igual que nos expropiam a nós poderiam expropriar-lhe a Sacyr-Vallehermoso. É questom de vontade política.

## E que é o que defendedes como plataforma?

A nossa posiçom, o que nós entendemos, é que nom fai falta nem a quatro, nem a umha, nem a três, nem a duas, nem nada. O que nós pugemos foi o debate de que se for necessário haveria que liberar de portagem a AP-9. O nosso razoamento era que se realmente havia algum problema de trânsito, com abrirem un tramo de autoestrada está solucionado. Como pretendem concentrar em quinhentos metros três vias de alta capacidade num sítio que nom fai falta nengumha. Podes pôr-te na N-550 em Valga e Ponte Cesures, que podes contar os carros que passam a olho sem problema. Passam cada



.....  
 “Se for necessário haveria que liberar de portagem a autoestrada AP-9”  
 .....

meio minuto, ou cada minuto.

Eu de Valga a Padrom, que som cinco quilómetros, chego em quatro minutos. Nom há nengum problema. Entom juntamo-nos a gente e reparamos em que nom devíamos ter entrado no debate de oferecer nengumha soluçom, como tinha sido o de abrir a AP9, porque realmente nom existe nengum problema. Nom temos que oferecer nengumha soluçom porque nós o que nom queremos é que nos fagamos nada. Nom queremos variante nem soluçom nengumha. Que metam o seu 'salvar-nos a vida' onde queiram, nós nom queremos que nos salvem a vida. Vam vir de fora, solucionar-nos a nós onde nom temos nada que solucionar? Deixade-nos tranquilos!

## Denunciades que os estudos estão mal formulados e mal realizados...

Mui mal feitos. Por exemplo, o estudo de trânsito fai-se na Escravidude, e o trânsito ali nom tem nada que ver com o que depois chega a Ponte Cesures e Valga, pois está todo o que fica em Padrom, o que

se desvia para a Barbança ou para a AP9... E logo está que nom descontam o trânsito local. É gente que está a usar esse tramo e vai seguir usando-o, porque para mover-se dumha paróquia à outra, para ir ao mercado a Padrom, nom se vai ir pola circunvalaçom. Essa está pensada para longas distâncias, nom está pensado para nós. Todo esse trânsito contabiliza-no ai somando-o para dizer que o trânsito é denso.

E logo está o estudo de impacto sonoro, que diz que se vai restar da N-550 tantos decibélicos, e da AP-9 tantos, mas nom estuda quantos vai somar a variante. Som tomaduras de pelo, que a gente saberá polo que o fai. Haverá quem tenha interesse por manter como seja o trabalho. O nosso alcalde tem interesse em alimentar um polígono, o do Pino, do que ele quere ser o cacique, metendo as empresas que tenha controladas, como já tem controladas a maioria das empresas do concelho, vendendo como um favor o 'permitir-lhes' trabalhar ali.

E logo passam cousas curiosíssimas. Justo enquanto se dá este debate sobre a variante, sai a notícia de que a Fiscalía denuncia o ministério do Fomento pola alta sinistralidade no tramo de Valga. Ficamos todo o mundo um pouco pensando 'joder, chegamos realmente a este ponto de máfia? Como para que a fiscalia tente botar

umha mao a Fomento, metendo-lhe umha denúncia para justificar umha obra nos acidentes... É um escândalo, deixam ver umha inexistente divisom de poderes e nom passa nada.

## Ademais das assembleias informativas, estades a levar adiante alguma iniciativa?

Recolhemos em duas semanas, entre Valga e Ponte Cesures, recolhemos para a alegaçom que se opom a qualquer das variantes quatro mil e pico sinaturas, que é aproximadamente a metade da populaçom dos dous concelhos juntos. É dizer, que nom é umha postura minoritária a de que nom é necessária obra nengumha. Mas logo, está claro, é mais complicado que a gente se oponha ativamente a umha obra assim. A gente mesmo che di, falando de cartos públicos, que som nossos, 'se nom os metem aí, ham mete-lo noutra cousa'. Pois que metam noutra cousa! Que fagamos por criar emprego digno, ou que fagamos um salom de atos em Ponte Cesures, que nom tem nengum.

## É difícil conseguir mobilizar...

Sim. De feito, provavelmente agora imos ficar quatro, umha vez que o alcalde apareceu com a sua proposta que junta os traçados 1 e 3 e que se mete polo monte. A gente fica já tranquila, com comentários de 'Ui, melhor nom meter guerra, que total vam-na acabar fazendo'. Ficaremos menos, mas com a cousa mui clara: nom queremos que se gastem os nossos cartos em desfazer o pouco que temos com algo que nom precisamos.

Nom se vê o problema. Quando deixa de ser um problema pessoal de cada quem e passa a ser um problema de todos, já nom é de ninguém. 'O monte é comunal, é de todos? Pois nom é o meu problema que arrasem com ele', pensa alguma gente. E é difícil lutar contra essa atitude.

## CONCENTRAÇÃO SOLIDÁRIA COM PREFERENTISTAS SANCIONADOS



A mobilização ocorria enquanto se celebrava o juízo contra três preferentistas do Baixo Minho. Dous deles estão acusados por desordens públicos e umha terceira ativista se lhe impuxo umha sanção por nom ter corretamente abotoado o cinto de segurança. As multas contra preferentistas em Galiza rondam os 20.000 euros.

## VIGILÂNCIA PRIVADA ENTRA EM PRISOM POR 48 MILHONS DE EUROS



No projeto piloto já se desembolsárom 7 milhons de euros e aplicou a contratação de vigiantes privados em 21 cárceres. Agora, o orçamento aumenta a 48 milhons de euros chegando a 67 prisons dependentes do Ministério de Interior espanhol. Esta fase durará um ano podendo ser prolongada outros 12 meses mais.



## CENTOS DE PESSOAS SOLIDARIZAM-SE COM OS TRABALHADORES

## Greve de fome no hospital de Povisa contra 13 despedimentos

NGZ / No 10 de março trabalhadoras e trabalhadores do hospital viguês de Povisa iniciárom umha greve de fome em protesto pola decisom da empresa de despedir a um total de 13 pessoas. Começárom a greve três integrantes do comité de empresa, integrando-se um quarto trabalhador, um dos zeladores afetados polos despedimentos, uns dias depois.

Numha rolda da imprensa, a presidente do comité de empresa e sindicalista da CIG, María Xesús Neira, quem está a participar da greve de fome, denunciou as pressons que as e os grevistas estão a padecer por parte da empresa, a qual até o momento nom deu mostras de dar marcha atrás nos despedimen-

tos. Segundo indicou Neira, as pressons que estão a receber incluem umha ordem da direção ao serviço de seguridade para que se acendam e desliguem as luzes cada meia hora durante a noite, umha ação que pode empiorar os efeitos na saúde das grevistas. "Fazemos responsáveis à empresa, ao Sergas e à Junta do que nos poda acontecer, porque continuam a mirar cara o outro lado", afirmou a sindicalista. Assim, também anunciou que o comité denunciará estas ações da empresa na Fiscalia, no Julgado e na Inspeção de Trabalho.

Os cortes em direitos do pessoal trabalhador da Povisa levam sendo umha constante nos últimos anos e que se manifes-

tou através de despedimentos, câmbios nas condições laborais e cortes nos horários e salários.

### Mobilizações paralelas

Em paralelo à greve de fome, estão a suceder-se mobilizações sociais em apoio às e os grevistas, contra os despedimentos na Povisa e na defesa dumha sanidade pública de qualidade. Assim, no 13 de março centenas de pessoas marchárom polas ruas de Vigo trás da faixa 'Polo mantimento dos postos de trabalho. Povisa/Sergas: solução'. No 17 de março teve lugar umha vigília noturna, em que as e os solidários rodeárom com velas o hospital. Também umha manifestação de delegados e delegadas da CIG mostrou a sua solidariedade com as grevistas.

## TINHA PROJECTADO 'PELOTAÇOS' EM VIGO

## Acusam construtor de pagar umha sé do PP

NGZ / O ex-tesoureiro do PP Luis Bárcenas e o ex-concelheiro popular de urbanismo de Palma de Maiorca de 2003 a 2007, Rodrigo de Santos, apontam ao construtor e promotor de origem galega Antonio Pinal como o pagador de umha parte das obras de reforma da sé do PP em Palma. Este empresário, representante do grupo guipuscoano Bruesa, encontra-se imputado no caso do presunto financiamento ilegal do PP balear e negou-se a declarar na sua comparecência perante o juiz José Castro, titular do Julgado de Instrução 3 de Palma de Maiorca.

### Um construtor do regime

Se bem esteve centrada em Euskal Herria e nas Ilhas Baleares, a atividade empresarial de Pinal chegara à Galiza com a entrada do PSOE no governo bipartido da Junta. Assim, em 2007 e 2008 NOVAS DA GALIZA informava de que a Bruesa teria-se beneficiado de concessões de conselharias geridas pelo PSOE. Antonio Pinal também foi o promotor dum pelotazo urbanístico frustrado em Vigo para a remodelação da Praça do Couto (ou

Praça de Espanha).

Antonio Pinal Gil nasceu em 1957 na paróquia de Brués, em Boborás e emigrou novo para Euskal Herria, onde iniciou carreira no sector da construção, fundando Construcciones Bruesa SA em 1979. O seu nome fixo-se público durante o 'caso Roldán', conhecendo-se que recebeu subvenções diretas para a construção de casas-quartel no valor de 2.500 milhons de pesetas sem concurso público. Voltou saltar ao foco mediático quando em 2007 um ex-líder do PSOE de Eivissa o acusa de prometer 1,5 milhons de euros ao PSOE e outros tantos ao PP polo projeto urbanístico de Eivissa Centre.

### Delegado da Bruesa imputado na 'Pokemon'

Por outra banda, um dos representantes da Bruesa na Galiza, Manuel Álvarez Martínez, encontra-se implicado na trama de corrupção política que se investiga no 'caso Pokemon'. Este empresário é acusado de suborno e tráfico de influências por um suposto pagamento de comissões a troco da concessom de obras públicas.

## Rafael Louzán será julgado por suborno

NGZ / O Julgado de Cambados fixará nas próximas semanas a data do juízo ao presidente da Deputação de Ponte Vedra Rafael Louzán, por cargos referentes a um aluguer em Vigo. Segundo fijo público a Radiofusión, o concelheiro em Paços de Borvém e deputado provincial polo PP Severino Reguera alugou a Louzán uns baixos em 2008. Segundo o fiscal de Delitos Económicos de Pontevedra Augusto Santaló, na operação advertiu-se um sobrepreço. Louzán recebe 15 euros por metro quadrado, enquanto a Guardia Civil situa os preços meios da zona na altura em 7 euros por metro quadrado. Lou-

zán somaria nestes oito anos mais de 50.000 euros injustificados a maiores do aluguer. O presidente da Deputação negou em repetidas ocasiões existir sobrepreço. O julgado acordou no mês passado incoar procedimento contra Rafael Louzán, desestimando a solicitude de arquivo, apresentada polos imputados. Segundo o Tribunal Superior de Justiça, "as diligências de investigação realizadas permitem sustener que os feitos investigados poderiam dar lugar a um delito de suborno impróprio no caso do deputado e um delito continuado de suborno no do presidente da Deputação e a sua dona".

## MAR

O 'Songhua', buque supostamente ligado à Vidal Armadores, numha fotografia da Interpol



## VIDAL ARMADORES ACUMULA DENÚNCIAS INTERNACIONAIS

## Espanha investiga por pesca ilegal armadora de Ribeira subsidiada com milhões

**A União Europeia e diversos organismos internacionais instaram a perseguir a Vidal Armadores e a sua rede por estarem vinculadas a mais de 40 casos de pirataria e condenadas até sete vezes desde o ano 1999. Porém, o Estado espanhol olhou para o outro lado e continuou entregando à armadora galega subsídios públicos milionários. Este mês a rede de empresas que hoje lidera Manuel Antonio Vidal Pego fôrom registadas na Operação Sparrow.**

NGZ / Várias empresas de Boiro, Ribeira e a Corunha fôrom registadas neste mês pelas suas supostas ligações com a pesca ilegal no âmbito da Operação Sparrow, ordenada pelo ministério espanhol da Agricultura. Em concreto, o que se investiga é a vinculação dessas armadoras com navios incluídos na lista de pirataria da Convenção para a Conservação dos Recursos Vivos Marítimos da Antártida (CCRVMA) e entre as empresas comprovadas está Vidal Armadores, com a sede em Ribeira. De acordo com o publicado pelo Novas da Galiza na edição de dezembro de 2011, esta empresa estivo a receber milhões em subsídios do Estado espanhol ape-

sar de a União Europeia e outras organizações internacionais terem incitado dúzias de vezes à perseguição das suas práticas.

Nos últimos meses, três barcos com bandeira da Guiné Equatorial – o Songhua, o Kunlun e o Yongding – fôrom acusados e perseguidos por Nova Zelândia por capturarem ilegalmente pescada negra nas águas do Atlântico sul, nos arredores da Antártida. A Operação Sparrow investiga se estes barcos estão ligados a Vidal Armadores. Segundo o informe da Greenpeace, o Songhua, anteriormente baptizado como Paloma V, foi detido por pesca ilegal em 2008 e tinha umha relação clara com a empresa de Ribeira, reconhecida mesmo pelo Governo espanhol. O Yongding teve até 11 nomes diferentes e 8 bandeiras e o Kunlun teve até 15 nomes e outras 8 bandeiras desde que foram incluídos na lista negra da CCRVMA em 2004 e 2003, respetivamente.

Qual é a relação entre a Vidal Armadores e o buque Songhua? Em 2005, as autoridades neozelandesas prenderam um barco desta empresa, o Paloma V – agora Songhua – com mais de 180 toneladas de pescada negra. É uma das espécies preferidas da armadora de Ribeira e no mercado ne-

gro dos USA pode chegar ao preço de 40 euros por quilo. Apesar de que o empresário diz que o navio nom é da sua propriedade, a investigação descobre que o correio *mantoniovipe@gmail.com* – identificável com Manuel António Vidal Pego – era o utilizado para coordenar as operações e que hai outras provas como recibos de pagamentos ou fotografias de transbordos.

### Pesca sem licença e captura de espécies protegidas

Porém, como já informou o Novas em dezembro de 2011, desde 1999 as empresas de Manuel Antonio Vidal Pego estavam ligadas a mais de 40 casos de pirataria e um relatório de Greenpeace recolheu até 11 detenções de barcos e 7 condenas contra esta rede galega à qual também lhe foram confiscados 3 navios. No entanto, entre 2002 e 2009, a armadora de Vidal Pego ingresou um total de 16 milhões em subsídios públicos. Entre as acusações que apontam para esta empresa está a prática da pesca sem licença, a falsificação de documentação e etiquetagem, a captura de espécies protegidas, a utilização de aparelhos ilegais, a obstaculização de inspeções pesqueiras e a vulneração das quotas estabelecidas.



## O cerco volta a bater na mesa de Feijóo

**Um ano depois dos contundentes protestos, este setor volta a reclamar repartos justos de xarda e xurelo para a frota galega.**

A.DIESTE / O setor do cerco denuncia a difícil situação que este setor (153 barcos na Galiza) está a atravessar. Fai-no quase um ano depois dos protestos e mobilizações que protagonizárom em abril e maio de 2014, e que dêrom lugar a um princípio de acordo entre administração e cerqueiros sobre quotas de pesca. Um acordo, insistírom daquela do setor do cerco, que era temporária e que caducaria em 2015 para se pôr a negociar umha partilha mais justa para os cerqueiros galegos a respeito dos doutras partes do Estado.

Mas esse compromisso foi rapidamente esquecido pela administração e as apelações e chamadas do setor a se sentar a negociar caírom no vazio. Por isso, março começou com umha advertência da Associação de Armadores do Cerco, que qualifica de “insustentável” a situação e aventura que de se manter acabará com os 153 cerqueiros galegos “sendo despeçados”. Para o Estado espanhol a quota de xarda é de 7% ainda que já Galiza tem mais frota do que Portugal, Irlanda e outros países juntos.

Com estas percentagens o Es-

tado espanhol mantém a repartição entre os diferentes setores (arrasto, cerco, entre outras), mas para o cerco modificou-na incorporando uns “direitos históricos” que concentra nas grandes embarcações e em Euskadi e Cantábria as escassas capturas, o país que maior número de barcos tem, Galiza, com mais que escassas possibilidades de pescar este recurso.

Este novo modelo de repartição que está a impôr o Estado espanhol modifica o modelo vigente nestes últimos anos, introduzindo que a gestão do direito de pesca se realize de forma individual. Antes a quota era do Estado, agora é dos armadores e podem negociar com ela. Para esta campanha, de se repartir linealmente entre o número de barcos galegos o topo de xarda, a toda a frota do cerco galego tocam 2.987 toneladas. Pola contra só a um barco guipuscoano sai-lle umha média de 107.048 quilos.

ACERGA negou-se a aceitar este novo modelo. Solicitou por segunda vez umha entrevista com o presidente da Junta de Galiza, Nuñez Feijóo, para tratar este novo cenário e os prejuízos para o sector cerqueiro galego. Reconhecem que se estão a fartar e que estão dispostos a retomar as mobilizações com a contundência que seja precisa.



## AGRO

Admitírom-se a trámite um total de 12 plantas incineradoras de biomassa florestal

O EUCALIPTO OU A PAULOWNIA ESTÁM ENTRE AS ESPÉCIAS MAIS AJEITADAS PARA A BIOMASSA

# Culturas energéticas florestais: nova ameaça para os montes

Damián Copena

Galiza está conformada fundamentalmente por monte. Um monte que foi a base do sistema agrário tradicional e que se geriu de maneira comunitária durante gerações. Porém, desde há bem tempo, o monte tem-se convertido num nicho de mercado em que se desenvolvem modelos agroindustriais alheios à lógica dos espaços geográficos onde se localiza esta classe de superfície. A visom industrializadora do monte, desenvolvida inicialmente pola própria administração pública, tem evoluído desde um modelo florestal baseado nas espécies arbóreas de crescimento rápido até umha conflitividade atual vinculada com actividades energéticas ou coa megamineração. Neste contexto é onde nasce umha nova ameaça para o monte galego: as culturas energéticas florestais. Esta classe de culturas estám caracterizadas normativamente como a biomassa de origem florestal, procedente do aproveitamento principal de massas florestais, originadas mediante actividades de cultura, colheita e em caso necessário, processado das matérias primas colheitadas e cujo destino final seja o energético. É dizer, culturas florestais intensivas que tenhem como fim a obtenção de energia mediante a sua queima. Para que entendamos em que consistem esta classe de culturas imaginemos grandes plantações de eucaliptos, lamagueiros ou outras espécies foráneas como a Paulownia com ciclos de corta muito reduzidos de 3, 4 ou 5 anos, com umha densidade o mais mesta possível, usando adubos químicos e mesmo rega com a intenção de queimar esta biomassa para obter electricidade. Este tipo de culturas intensivas provocam umha merma da fertilidade do solo e podem necessitar o emprego de pesticidas e de maquinária pesada para a sua colheita.



## Biomassa com espécies invasoras

Na Galiza estas produções estão vinculadas com o Decreto 149/2008 sob o que se admitírom a trámite um total de 12 plantas incineradoras de biomassa florestal que precisariam destas culturas energéticas para poder garantir a disponibilidade de combustível (biomassa) com a que produzir electricidade. A necessidade do emprego de culturas energéticas florestais para os projetos de incineração de biomassa florestal foi confirmada polo Instituto Energético da Galiza mediante um estudo que leva por título "Análisis de la viabilidad del mercado de la Biomasa en Galicia y el norte de Portugal". Segundo este trabalho poderiam-se empregar para a plantação de culturas energéticas na Galiza um total de

Estas culturas intensivas provocam umha merma da fertilidade do solo

163.486 Ha de monte. O estudo indica que entre as espécies mais ajeitadas estariam o eucalipto, o lamagueiro, diferentes acácias ou mesmo espécies como a Paulownia, várias delas consideradas como espécies invasoras. No mesmo sentido, a Junta da Galiza tem elaborado umha Ordem reguladora dos culturas energéticas na Galiza, em consonância com o articulado do Decreto 149/2008, e que se encontra na atualidade em fase de rascunho. Todo este marco le-

gislativo está a ser complementado por diferentes projetos subvencionados com fundos públicos. Deste jeito, nos últimos anos tenhem-se dedicado muitos recursos económicos à investigação da produção eléctrica mediante a combustión da biomassa florestal primária e aos cultivos energéticos florestais em particular. Projetos como Enersilva ou o mais recente Silvaplus apostam claramente nlo fomento das culturas energéticas florestais e contam com parcelas piloto de investigação específicas para esta classe de culturas.

## Debate e conflito

Este modelo agroflorestal energético em que se está a apostar no território galego está em debate a nível europeu. Umha das motiva-

Poderiam-se usar para a sua plantação um total de 163.486 hectares de monte

ções que justificava a incentivação económica destas produções energéticas encontra-se claramente em dúvida por diferentes trabalhos científicos e por organismos pertencentes à Uniom Europeia como a European Environment Agency. A questão de fundo radica em que a consideração da biomassa como carbono neutral dependerá de onde e como a biomassa seja produzida, é dizer, dependendo da análise do ciclo de vida da biomassa. Mesmo se chega a indicar que a legislação que promove a substituição de combustíveis fósseis por bioenergia pode ainda resultar num incremento de emissões de carbono, acelerando desse jeito o quecimento global. Polo tanto, um modelo de produção de electricidade vinculado com os cultivos energéticos florestais nom contribuiria para paliar a mudança climática.

As culturas energéticas florestais que se precisariam para as 12 plantas de incineração projetadas som umha bomba de relógio para o monte galego. Devido a isto nos últimos anos está começando a agromar um interessante debate entre diferentes atores da sociedade galega sobre a bondade e as consequências que teria a instalação a grande escala destas plantas de produção eléctrica no monte galego. Mesmo começa a existir conflitividade socioambiental em projetos concretos como o da comarca do Condado sobre o emprego das culturas energéticas florestais e sobre este modelo energético. Nos vindeiros anos poderemos ver se as culturas energéticas florestais se introduzem de jeito maciço nos montes galegos ou se, pola contra, colhem pulo modelos mais sustentáveis vinculados com umha visom multifuncional do monte.

## ECONOMIA

Galiza está apanhada entre as dúas láminas da tesoura financeira: a do aforro excedente e a do crédito escasso

# Banca, crédito e depósitos: a Galiza encolhe, o aforro emigra

DESDE 2013, OS BANCOS CONCEDEM MENOS EMPRÉSTIMOS NA GALIZA DO QUE ACUMULAM EM DEPÓSITOS NO PAÍS

Joám Lopes Facal

Quase ao remate de 2011, o Banco Popular absorvía o Banco Pastor mediante pago de 1.246 millóns. Foi no mes de Abril de 2012, há agora três anos, quando a operación se fazia pública. Um negócio a futuro dado que, como depois se soubo, o patrimonio ajustado do histórico banco corunhês era negativo por 1.679 millóns. O cidadao contribuinte nada tivo que pôr sobre a mesa desta vez, como foi e é habitual neste tipo de casa-mentos financeiros sem noi-vado nem amor.

No final de 2013, o banco venezuelano Banesco adquiría 88,33% do capital de Novagalicia Banco através do Etcheverría, previamente adquirido este por Banesco. O importe da operación foi de 1.003 millóns de euros com pagamento aprazado de 60% até o 2018. O Estado tinha injectado previamente 9.052 em Novagalicia, portanto, desta vez os contribuintes perdemos 8.000 millóns de euros na operación de privatização. Os últimos gestores das Caixas galegas fusionadas sob a denominação de Novagalicia están agora sob pesquisa judiciária. Até aquí é todo normal nos tempos que correm. A Novagalicia, nascida da sucessom de caixas galegas que remontam ao ano 1842, é agora um banco de capital estrangeiro denominado Abanca, único protagonista galego, por sinal, no concerto bancário espa-



nhol. O futuro do negócio fica sujeito agora às vicissitudes do compro e vendo corporativo que o destino lhe reservar. Os bancos de dimensom modesta som presa fácil dos grandes como é sabido. A lida bancária em procura de dimensom e hegemonia pode deparar em anos qualquer resultado, mormente num mercado de aforrados provados e bons pagadores como é o galego.

Seja como for, o futuro de Abanca é altamente prometedor. O vicepresidente da entidade, o senhor Escotet, acaba de fazer públicos os resultados da sociedade no 2014: 601 millóns de euros antes de impostos que sobem até 1.157

## Abanca supera em benefícios de um só ano o seu preço de aquisição

depois de impostos, em aplicação parcial do crédito fiscal de que dispom o banco por perdas acumuladas. Abanca supera em benefícios de um só ano o seu preço de aquisição e mesmo, limitando-nos ao benefício antes de impostos, consegue gerar a quota de pagamento aprazada ao FROB

que ascende a 600 millóns. Nom estranha a vontade da direcçom de acelerar o calendário de pagamentos devidos. Umha brilhante operação financeira que recupera o investimento em menos de um ano, é verdade, mas, o que realmente chama a atençom é a avareza dos bancos competidores na operação de privatização e a urgência da Administração para desprender-se de um banco saneado que, como se demonstra, é umha máquina de fazer quartos. Avareza bancária e irresponsabilidade financeira do poder político, a alguém pode estranhar?

Ainda suportamos outra operação de downsizing financeiro no

país. Entre 2013 e 2014 se consumou a plena integración do Banco Gallego no Banco Sabadell depois de o FROB ter injectado 325 millóns de euros na matriz compostelana e o Banco Sabadell ter comprometido a recapitalização complementaria que o banco precisava. A origem do Gallego, convém lembrar, remonta-se a 1843 em que nascia o histórico banco de Olímpio Pérez, por vontade do pai do prócer, que acabava de chegar a Compostela vindo lá das terras cameranas da Rioja.

Em apenas três anos a Galiza ficou desposuída de todas as suas cabeceiras bancárias, salvo Abanca que partilha dobre na-

Murguía, Revista Galega de Historia cumprirá, en breve, unha década de andaina. Son centos de asinantes, lectoras e lectores os que teñen como referencia Murguía, de cara a descuberta da Historia da Galiza.

Investigacións, documentos, lecturas, entrevistas... Un rico contido, volume tras volume, é o patrimonio que xera e divulga Murguía, Revista Galega de Historia. No último número aprésentase un texto inédito de Xosé María Álvarez Blázquez, senilas lembranzas a Francisco F. Del Riego, un documento central arredor da figura de Prisciliano, así como unha entrevista á historiadora Ana Cabana e unha ampla reflexión sobre a memoria histórica e a represión franquista na Galiza, entre outros textos.

Nome  Apellidos

Enderezo

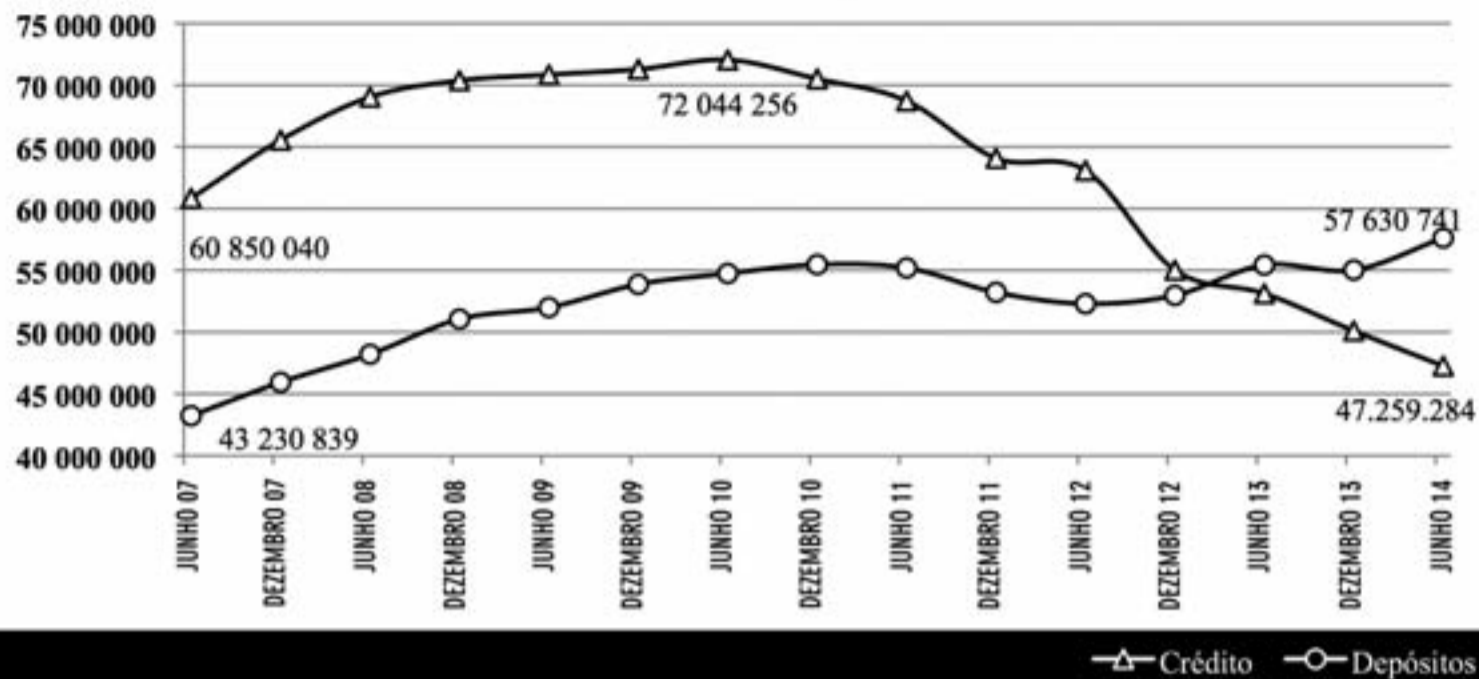
Localidade  CP  Teléfono

Salicito: Subscrición  Máis Información

Enviar a Murguía, Revista Galega de Historia, Apartado de Correos 158 - 15.703 Compostela ou secretaria@revistamurguia.com

Subscribe! [www.revistamurguia.com](http://www.revistamurguia.com)

## GALIZA, ATIVIDADE BANCÁRIA (Administrações Públicas + Sector Privado / Em milhares de euros)



Galiza tem colocado fora 14.400 milhões de aforro que nom encontra aqui destino

vistas. Nom é estranho que no curso do período que vai de meados de 2007 a meados de 2014, os depósitos galegos tenham passado de 4% a 4,7% da totalidade dos depósitos em Espanha enquanto o crédito concedido na Galiza encolhia de 3,7% a 3,2% do total.

Galiza está apanhada entre as duas lâminas da tesoura financeira: a do aforro excedente, canalizado polo sistema para financiar empreendimentos alheios, e a do crédito escasso e releado por um sistema descomprometido com o imperativo de estimular a actividade económica e o bem-estar. A primeira lâmina denota desconfiança no futuro, a segunda, debilidade da iniciativa privada. A situação é mais do que cómoda para a banca operante no país enquanto guarda discreta dieta de adelgaçamento depois da descomunal enchenta de tijolo, cimento, hipotecas e tráfico de influências.

A situação descrita revela comportamentos arraigados no comportamento económico do país. A superação desta situação de excedência de aforro num país pendente de acometer um vigoroso processo de restauração do tecido produtivo requer de umha política decidida de promoção da actividade económica pública e privada e do investimento familiar. De assi nom ser, haverá que pensar em dotar-se de instrumentos económicos adequados como seria o de umha agência de desenvolvimento de carácter público ou misto dedicada a promover o crescimento mediante a asunção de um nível de risco inaceitável para a banca privada. SODIGA foi em tempos essa fórmula, o IGAPE actual nom cobre tal necessidade. A parceria público privada, tam cara à Xunta para a promoção de hospitais e autoestradas, deveria fazer-se extensível ao inadiável repto da promoção industrial.

A necessidade de um compromisso firme em tal sentido está fora de toda dúvida, o argumento do excedente de aforro galego estar financiando a reactivação económica das comunidades mais dinâmicas é um argumento complementar de indiscutível força. Na actualidade, a Galiza tem colocado fora 14.400 milhões de euros de aforro que nom encontra aqui destino. Alguém o entende? Alguém está disposto a adoptar medidas que permitam reverter a situação?

A situação é mais do que cómoda para a banca operante no país

Poderíamos pensar que os depósitos deveriam ter experimentado umha forte contracção devida ao efeito combinado do desemprego massivo, o cerramento de empresas e a desconfiança seimentada pola trapaça das “preferentes” com que a Novagalicia premiou generosamente os seus depositantes mais fieis. Contudo, também nom deveria ser descartada a possibilidade de que o medo ao futuro que se abateu sobre as economias familiares pudesse ter provocado um exercício de austeridade e aforro compulsivo. Vaziar o bolso para sobreviver ou poupar consumo para aforrar a todo custo, quê decisom prevaleceu?

Se paramos mentes agora na possível dinâmica do crédito, nom seria difícil concluir em que a banca cerrou sem hesitar a bilha do crédito. A suma fragilidade dos seus activos deteriorados e morosidade crescente dos prestatários terá-a obrigado a restringir as concessões, além do facto de retracção da demanda de famílias e empresas polo corte de ingressos e perspectivas de melhora.

O Boletim Estatístico do Banco de Espanha subministra as chaves interpretativas precisas para avaliar os efeitos da crise económica sobre depósitos e créditos. Entre meados de 2007 e 2014 os depósitos crescêrom na Galiza 14.400 milhões de euros (43.231 a 57.631) enquanto o crédito encolheu em 13.591 milhões no mes-

mo período (60.850 a 47.259). Reparemos que, no primeiro semestre de 2013 crédito e depósitos estavam praticamente iguallados na Galiza e que, antes desta data o crédito superava amplamente os depósitos acumulados.

Se tomarmos como referência meados do 2010 onde o crédito alcançava valores máximos ainda na Galiza, o colapso do crédito foi espectacular; a queda alcançou nada menos do que 24.785 milhões (72.044 a 47.259) nos quatro anos seguintes, quer dizer, mais da terceira parte do crédito em vigor no verao de 2010.

O contraste entre o colapso do crédito e a firme progressom dos depósitos é flagrante. Na actualidade, os depósitos alcançam um volume de 57.631 milhões de euros contra 47.259 de crédito em vigor.

O crédito desmorona-se por efeito combinado do processo de ajustamento e cancelaçom de activos depreciados empreendido pola banca e, agudiza-se ainda pola debilidade da demanda de crédito por parte de empresas e famílias, assediadas pola crise.

Os depósitos, no entanto, nom deixárom de crescer nom obstante a queda experimentada em 2011 e 2012 por motivos de precauçom e reacção à insegurança percebida. Os bancos convalescem, a gente contempla o futuro com temor, a desconfiança impregna todo.

A comparaçom da dinâmica financeira da Galiza com a do conjunto do Estado subministra umha boa perspectiva da singularidade do comportamento financeiro galego. De entrada, o crédito concedido polo sistema bancário espanhol em Junho de 2014 superava os depósitos acumulados em 284.635 milhões: 27% do PIB da Espanha. Galiza, no entanto, é aforradora neta polas razons já



cionalidade, venezuelana e galega. Operativamente é galega sem volta atrás porque é neste país onde tem e terá os seus recursos e investimentos. É o mesmo que acontece com a empresa de cabo “R”, britânica por propriedade e galega por instalaçom e clientela. Ficam de resto, condenadas a decadência previsível a benemérita Fundação Barrié e o benéfico labor social e cultural com que as extintas Caixas devolviam em dividendos sociais a lealdade do aforro popular que as sustinha. Quê tempos!

Os bancos vivem de emprestar os recursos captados quer à sua clientela próxima – empresas e famílias – quer à própria banca (empréstimos interbancários) ou ao Estado (suscripçom de dívida pública). Os depósitos que os bancos acumulam som, sem

qualquer dúvida, a fonte de recursos mais fiel e barata, além de os seus proprietários serem os melhores clientes creditícios. O habitual é que o crédito concedido por um banco supere os depósitos com que conta pola simples razom de que o banco prospera a base de vender caro dinheiro barato sem que faltem nunca petionários fiáveis de crédito: a dívida pública soberana emitida polos Estados, por exemplo, ou a emitida polas grandes empresas.

É o momento de perguntarmos polo comportamento dos depósitos e do crédito gerido pola banca operante na Galiza depois do severíssimo processo de contracção e ajuste experimentado a partir de 2007 em que se abre a crise espanhola do cimento e o tijolo que arrasou o sistema financeiro galego.

## A TERRA TREME



# Democracia sem estado no Curdistão

## NOVA ESTRATÉGIA DO PKK PARA A LIBERTAÇÃO PASSA POLO SOCIALISMO COMUNITÁRIO E A CONFEDERAÇÃO

CARLOS C. VARELA / As negociações entre Turquia e o PKK, presas por um fio, e sobretudo a batalha de Kobane contra o Estado Islâmico, trouxeram à agenda internacional o conflito curdo. Porém, o tratamento mediático está a ser muito seletivo no que diz respeito à ajuda militar: protagonismo aos conservadores Peshmerga; hostilidade e apagamento informativo às combatentes do confederalismo democrático. Isto porque no Curdistão, dividido entre vários Estados em conflito, estão a ensaiar uma das propostas emancipatórias mais originais da região, um “zapatismo de guerra” em cuja superação do ca-

pitalismo e do Estado-nação poderia estar a chave para a paz no Oriente Médio.

A queda do bloco soviético, que resultou no colapso da imaginação política europeia, situou o PKK – um movimento de libertação nacional clássico, marxista-leninista – numa disjuntiva: ou refugiar-se no dogmatismo, ou aceitar o desafio de se reinventar. Esta última opção, que na América Latina se produziu desbordando por baixo – e da mão da indigeneidade – as velhas organizações; no Curdistão efetuou-se desde dentro da estrutura clássica. Influenciado pelas leituras de cárcere de Murray Bookchin, o líder curdo Abdullah Öcalan impulsiona uma

.....  
 Textos do libertário  
 Murray Bookchin  
 influem o paradigma  
 proposto por Öcalan  
 .....

nova estratégia para a libertação curda e de todo Oriente Médio: a superação dos horizontes da modernidade capitalista e do Estado-nação através do socialismo comunitário e a confederação. A concreção teórica desta viragem à democracia sem Estado foi a *Declaração do Confederalismo Democrático* de 2005, renovado em

2011 com o *Chamamento à Autonomia Democrática no Curdistão*.

O Estado turco respondeu detendo entre 2009 e 2011 mais de 8.000 ativistas da União de Comunidades do Curdistão (KCK), sob acusação de «pertença a organização terrorista» e quererem construir «um Estado paralelo». Mas as ativistas chamam às cárceres turcas «a Universidade Curda», e a criação de concelhos autogeridos, cooperativas e todo tipo de auto-organizações, não deixa de medrar, a par da tomada de poder dos concelhos «oficiais» que permite a duvidosa democracia eleitoral turca.

**Soberania alimentar e económica**  
 A transição a uma economia democrática e ecológica é uma pro-

.....  
 As cooperativas som  
 concreção dumha  
 economia democrática  
 e ecológica nova  
 .....

posta que se concretiza nas cooperativas, especialmente as agropecuárias, mas também têxteis. Mulheres e jovens são as protagonistas destes *gêrmolos* de socialismo descentralizado. Dizia o velho Marx que um assalariado «leva a sua própria pele ao mercado e não pode aspirar a mais do que a uma couca: a ser curtido», por isso o movimento curdo, para além das

✂

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

Nome e Apellidos  Tel.

Endereço  C.P.

Localidade  E.mail

N.ºConta

Junto cheque polo importe à ordem da A.C. Minho Media

Subscrição + livro = 35 €

Subscrição anual = 24 €

Subscrição + pack bilharda = 30 €

Subscrição + duplo pack bilharda = 35 €

Assinante Colaborador/a =  €

ASSINATURA



.....

### As combatentes não só defendem o país, mas o seu processo de libertação de género

.....

reivindicações laborais do sindicalismo clássico, faz da soberania e do empoderamento económico – através da economia social e do cooperativismo – o seu horizonte de emancipação pós-capitalismo.

Apontava Gramsci que «não há dúvida de que embora a hegemonia é ético-política também deve ser económica». Com esta premissa um grupo de sociólogos cria Sarmaçile (“Hedra”, em curdo), ONG que trabalha no empoderamento económico. Um dos seus militantes explica que «por causa dos nossos problemas económicos, os curdos estamos a expensas da dependência do Estado. O nosso objetivo global é romper esta dependência. É aqui onde o nosso projeto converge com a Autonomia Democrática. O Estado mesmo pode instrumentalizar a população empobrecida, e nós queremos privá-los dessa possibilidade, e que a gente possa decidir livremente. Politicamente, o Estado turco fracassou aqui, e graças à resistência está a perder militarmente também. A única área em que ainda é capaz de dominar é na económica».

#### Uma revolução feminizadora

Em janeiro de 2013 o movimento curdo saltava às capas dos jornais europeus; três ativistas foram assassinadas em Paris, entre elas a cofundadora do PKK Sakine Canziz. Nas passadas eleições no Curdistão Norte (Bakur), resolvidas

com um forte apoio à estratégia do confederalismo democrático, Gültan Kisanak era eleita presidenta da capital, Amed, algo inusual no Oriente Médio. Atualmente, na guerra de Síria destacam-se as milicianas das Unidades de Proteção Popular mistas (YPG) e das exclusivamente femininas (YPJ). A guerrilheira Arin Mirkan, morta em Kobane, tornou-se um símbolo omnipresente numa guerra em que as curdas não só defendem o seu país, mas o seu processo de libertação de género.

Estes são apenas os exemplos mais mediáticos da feminização do movimento curdo, que com a nova estratégia reconhece que a libertação nacional e social só é possível através da libertação das mulheres. No independentismo curdo, como nos movimentos sociais latinoamericanos ou indianos, está a irromper uma outra cultura política, uma outra racionalidade que tem como força motriz os afectos, o amor e a amizade, isso a que Alejandro Moreno chama a episteme relacional. Do Movimento Democrático de Mulheres Livres (DÖKH), às Mães pela Paz, uma constelação de projetos autogeridos estão a materializar esta mudança. Procuram o empoderamento das mulheres através da autonomia económica que dá o cooperativismo, a educação e a participação política. O novo soberanismo de base concelha dispõe de conselhos de mulheres, que se auto-organizam em todos os âmbitos da vida, incluída a autodefesa perante a violência machista. Um repertório de métodos sancionadores, que vão das multas económicas à expulsão ou condenação ao ostracismo, permitem-lhes combater o maltrato. Tem muita importância também a luta contra a poligamia, considerada

.....

### As minorias atopam um guarda-chuvas que, aliás, as convida a auto-organizar-se

.....

insultuosa pelas mulheres. No âmbito do lazer, atividades culturais como a dança ou a música abrem portas às mulheres menos politizadas, amiúde sem mais vida que a familiar. A lavandaria cooperativa de Sûr, por exemplo, não só poupa trabalho às vizinhas, também oferece um espaço de socialização, com cursos educativos e assembleias políticas, enquanto as crianças são atendidas no serviço autogerido de creche.

#### Desmilitarizar a religião

Antes do enfrentamento com o Estado Islâmico o movimento curdo já fora ameaçado por outras forças reacionárias escudadas na religião. De facto o Estado turco sempre empregou a religião como arma contra o PKK: primeiro com grupos como o Hezbollah – organização que não tem nada a ver com a sua homónima libanesa – e posteriormente com os novos movimentos salafistas. Ainda, o movimento do magnate Fetullah Güllen, outra partidário de Erdogan, trabalha na extensão da sua rede clientelar pelo Curdistão Norte. Promotor do nacionalismo neo-otomano e islamista, Fetullah Güllen defende a assimilação dos curdos sunitas e o aniquilamento do movimento da libertação independentista.

É neste contexto que o movimento curdo, secular e com muitos militantes ateus, está a tentar que os seus inimigos não possam enquadrar o conflito em parâme-

tros sectários. Opõem-se radicalmente, numa região inçada de minorias, a um ordenamento político sustentado na homogeneização religiosa, apenas factível através da barbárie. No meio da perseguição, os curdos estão a converter-se no guarda-chuva de minorias como a Yazidi, convidando-as, aliás, à auto-organização democrática. Para combater a militarização das religiões, Öcullan realizou um chamamento à democratização religiosa, que calhou no passado mês de maio na organização em Amed do I Congresso do Islão Democrático, onde se explorou a Carta de Medina do profeta Maomé como ferramenta para o convívio e diversidade religiosa.

#### Democracia radical em Rojava

As ativistas do Curdistão Oeste, sob administração síria, engrossaram tradicionalmente a guerrilha do PKK, posto que Rojava é uma terra sem montanhas, mui pouco apropriada para a resistência armada. Muitas já vinham criticando este “turcoentrismo” do movimento curdo quando o estalido da guerra de Síria mudou tudo. Agora a principal frente está em Rojava, onde o vazio de poder foi ocupado, nos cantões de Kobane, Afrin e Yazira, polo chamado Autogoverno Democrático.

Além da autodefesa, o povo e os partidos assinaram um Contrato Social para a autogestão da sociedade e polo respeito dos direitos humanos e nacionais de todas as minorias de Rojava –curdas, árabes, síriacas, circasianas, chechenas...–, estabelecendo governos descentralizados. No meio da guerra, Rojava é um impressionante laboratório de experimentação política. Cada um dos três cantões autogoverna-se renunciando a hegemonias e homogeneizações

étnicas, acreditando em que esse modelo de convívio poder-se-à estender a uma Síria multinacional.

Salih Muslim, do Partido da União Democrática (PYD) que partilha ideário com o PKK, e copresidente do Governo de Yazira, explica que «do PYD advogamos pela autodeterminação direta, também chamada “democracia radical”. Basicamente consiste em descentralizar o poder para que o povo seja capaz de tomar e executar as suas próprias decisões. É uma versão mais sofisticada do conceito de democracia que vai em sintonia com muitos dos recentes movimentos sociais na Europa».

#### E no Curdistão Sul?

Em Bashur, o sul curdo sob administração iraquiana, os peshmergas combateram o Estado do Iraque entre os anos 60 e 80, passando a atacar a guerrilha do PKK em Qandil durante a trégua unilateral de 1999-2004, e atingiram o poder com a invasão dos EUA, com um elevado grau de autonomia. Porém, o governo de Massud Barzani não redundou num reforço do resto das zonas curdas sob outros Estados, senão em suculentos petronegócios com os EUA, Israel e Turquia. Do PCDK, organização irmã do PKK em Bashur, acusaram o presidente Barzani de ser responsável da tragédia de Kobane, ao não dar nenhuma ajuda às YPG para não incomodar a Turquia. Contudo, a impotência dos peshmergas para conter no seu território o avanço yihadista, impôs-lhes uma aproximação às combatentes revolucionárias das YPG, PKK e PJAK – de Rojhilat ou Curdistão Oriental-. Apenas o tempo dirá se foi apenas oportunismo ou uma aplicação da democracia radical a todo o Curdistão, incluído o Sul.

# DITO E FEITO

ENTREVISTA AO COLETIVO DE MULHERES GALEGAS REBELDES E ENGRAÇADAS (MUGRE)

## “Buscamos umha resposta coletiva e de género aos nossos conflitos individuais”

OLGA ROMASANTA / No 8 de março as mulheres saem à rua reivindicar os seus direitos, os seus corpos, os seus espaços. Mas há umha outra revolução feminista, mais silenciosa, mas nom menos forte, que está começando a alterar o universo das relações: é a revolução dos afectos, do íntimo, das emoções. Desde os feminismos autónomos, cada vez mais mulheres estão a estar conscientes de que o primeiro passo para a transformação da sociedade é transformarem-se elas próprias, despindo-se de todas essas cargas impostas durante séculos polo patriarcado. Um destes grupos som as MUGRE, de Compostela. Com elas falamos do seu trabalho, e das jornadas feministas que estão a organizar.

**MUGRE nasceu há dous anos. Porque decidides juntar-vos? Que botavades em falta noutros espaços activistas nos que estávades?** MUGRE nasceu num contexto no que em Compostela havia muita repressom a muitos níveis distintos. Várias moças que nos conheciamos sentimos a necessidade de juntar-nos e falar de como nos estava afetando esta situação como mulheres, gerando um espaço que nom existia nos espaços mixtos de que faziamos parte. Botávamos em falta a esfera dos cuidados, o tempo e o lugar para falar de como estamos, dos nossos medos. Figémos umha convocatória e a essa primeira assembleia acodimos por volta de trinta moças!

**Com efeito, essa esfera dos cuidados, do íntimo, e das emoções é muito relevante para as MUGRE. Que diríades a quem defende que o lugar natural do feminismo som as ruas?**

Que o pessoal é político! Bom, para nós todo tem cabida, também saímos à rua, e cremos que o feminismo tem que estar lutando em todos os frentes polos direitos das mulheres. Mas cremos que o melhor jeito de começar umha transformação social é cuidando-nos primeiro a nós, gerando



umha rede de apoio mutuo exprimindo quais som as nossas necessidades e procurando como solucioná-las coletivamente.

**Como vos organizades, e a que dedicades o tempo do grupo?**

Temos assembleias semanais. Neste formato, o primeiro que fazemos é chegar e falar de como estamos. Se na rolda inicial algumha companheira está baixa, ou vemos que é preciso abordar algum caso em concreto, detemo-nos ai todo o tempo que faga falta. Se nom é assim, passamos à ordem do dia, com temas logísticos, de debate, organizativos... Mas o certo é que o grosso do tempo das MUGRE se investe em falar de como estamos e buscar a isso umha resposta da perspectiva de género. Constatamos que no momento sociopolítico em que estamos as mulheres nos estamos atopando com dificuldades para sentir-nos numha linha de bem-estar emocional.

**Entre a vossa actividade, destaca o programa radiofónico MUGRE nas ondas... Falade-nos um pouco deste projeto.**

MUGRE nas ondas nasceu da mão de algumhas companheiras que queriam sair ao plano público. A Kalimera ofereceu-nos a oportunidade de empregar o seu espaço, e levamos já sete programas. Os programas tenhem várias seções: “a nossa história fazemo-la nós”, o

.....  
**“É duro ser feminista nos espaços mixtos, porque som muitos os questionamentos”**  
 .....

tema central, a entrevista, etcétera. Tocámos já muitos temas: o aborto, os corpos, a publicidade, o porno feminista, as medicinas alternativas, a economia feminista, e muito mais. Muitas vezes, usamos os programas para aprofundar em inquéritas que saem nos encontros de MUGRE, já que o objetivo é sempre construir coletivamente conhecimento feminista.

**O 21 de março começades umhas jornadas feministas no Escárrino e Maldizer, com temas tam potentes dentro da programação como o da “gordofobia”.**

Sim! Começamos o 21 e estendemo-nos até o 18 de abril, quando será a festa de feche, ocupando cinco fins-de-semana. As jornadas nascem do desejo de fazer trabalho público, de sacar à luz esses temas aos que voltamos umha e outra vez nos nossos encontros, e que estão invisibilizados noutros espaços, tanto feministas como da esquerda em geral. O tema do corpo sai muito em MUGRE. Pareceu-nos um aspecto muito relevante, assim que de-

cidimos dar-lhe mais peso que o do próprio obradoiro e abrir um espaço expositivo arredor disto, que sirva para ambientar o espaço onde se celebraram as jornadas e promover a reflexom. Para essa exposição, pedimos que todas as assistentes tragam recortes de frases, fotografias próprias ou nom, desenhos, esculturas... Enfim, qualquer expressom criativa que nos faga pensar sobre a pressom que existe sobre o nosso aspeto físico.

**E para a festa de feche do 18, qual é o plano?**

Temos preparada umha proposta bem especial! Girará à volta do papel das mulheres na música, e mais em concreto no rap, que nos parecia um espaço em que as mulheres tenhem especialmente pouca presença. Contaremos com grafiteiras, rapeiras, break dance, um obradoiro de rap, projeções e debate. Para nom perder!

**Estamos num momento muito ativo para a esquerda organizada, mesmo através de candidaturas cidadãs que aspiram a tomar os governos locais. Como vos posicionades vós diante disto? Credes que estes novos movimentos estão incluindo a perspectiva de género que defendedes em MUGRE?**

Nom temos interesse polos espaços políticos ou partidistas. Vemos umha vorárgine grande, mas nen-

gum movimento que recolha os espaços e os sentires que estamos a trabalhar desde MUGRE. Obviamente, é por isso que nos constituimos como feministas autónomas, e optamos por estar à margem desses coletivos, da representatividade pública, e dos processos eleitorais. A verdade é que este tema nem sequer ocupa tempo nos nossos encontros; a transformação em que apostamos neste momento é outra, e livra-se noutros frentes. Ainda assim, nós nom opinamos dos espaços em que nom participamos... É duro ser feminista nos espaços mixtos, e é duro manter-se firme porque os questionamentos aos que estás submetida som muitos. De facto, quando começamos com MUGRE muitas manifestávamos um queime grande polo activismo em espaços mixtos da esquerda, e estávamos cansas de sentir o de “outra vez aqui?”, de sentir que voltas a começar umha e outra vez, que faltam as bases... Para nós MUGRE é um espaço de bom trato, em que nom nos sentimos questionadas. Ainda assim, o mundo é de todas e todos, assim que haverá que ir percorrendo pouco a pouco esse outro caminho.

**E já por último: dous anos dam para muito. Que aprendizagens salientades de todo este andamento?**

Aprendemos muito! Sobretudo ouvindo outras companheiras falar dos seus sentimentos de culpa, ou o questionamento ao que se sentiam submetidas, aprendemos que muitos dos problemas das mulheres nom som algo individual, se nom coletivo, e provocado por umha estrutura patriarcal que muitas vezes nos fai sentir cousas semelhantes. Carregamos com umha mochila enorme às costas! Aprendemos também a importância de reconhecer-nos como vulneráveis, e conhecer as nossas fortalezas. E, sobretudo, que fica por fazer muito trabalho de auto-estima. Demo-nos conta também de que incomodamos, ou polo menos quando começamos, quando levantamos muitas suspições entre a gente dos movimentos de Compostela. Mas, a verdade, gostamos de incomodar.

## EM ANÁLISE

LEI DE PROPRIEDADE INTELECTUAL VISA INTENSIFICAR O ENCERRAMENTO E MULTAS PARA OS 'SITES DE LINKS'

## Xaque-mate à cultura livre

Com 172 votos a favor (os do PP), 144 em contra e 3 abstenções, em 5 de novembro de 2014 foi aprovada no Parlamento espanhol a reforma da Lei de Propriedade Intelectual (LPI). Não é preciso aprofundar nos seus artigos para se resumir o objetivo: regular e controlar a Internet ao serviço de uns poucos. Mas, como nos afeta a nós enquanto utentes?

B.V./ O primeiro caso ocorreu em agosto de 2003, quando a titular do Tribunal de instrução nº3 de Madrid naquela altura, Carmen Sánchez-Albornoz, decretou o encerramento da página *donkeymania.com* por um alegado crime contra a propriedade intelectual, por esta facultar a descarga de arquivos com programas P2P, que permitem compartilhar informação entre particulares. Desde então, foram muitas as páginas fechadas, sobretudo durante as festas natalícias, quando aumentam as campanhas para a compra de DVD. E foram outras muitas as que começaram desobedecendo a definição que o Estado espanhol faz da 'propriedade intelectual' e começaram a funcionar, possibilitando deste modo a livre visualização ou *download* de centos de séries e filmes ou, o que é o mesmo, democratizando o acesso à informação e à cultura.

Mas em 5 de novembro de 2014



Espanha deu mais um passo para o controlo da Internet, do que se compartilha e de como se compartilha. O seu governo aprovou a Lei de Propriedade Intelectual e só alguns dias depois a polícia prendia os administradores das páginas de intercâmbio de ligações *seriespepito.com* e *películaspepito.com* por um delito contra a propriedade intelectual. A lei ainda não tinha entrado em vigor, mas foram denunciados por permitir a difusão do filme 'Ocho apellidos vascos'. Nas mesmas datas mandou encerrar *magnovideo.com* e *series.ly* publicou um comunicado em que anunciava a retirada dos links viola a lei que entrou em vigor em 1 de janeiro de 2015 "embora não estejamos de acordo nem quanto ao fundo nem quanto à forma".

A nova LPI aperta o parafuso da Lei Sinde, introduzindo novos casos abrangidos de forma a facilitar o encerramento e a multa do *site de links*. As multas podem chegar a 600.000 euros e a reforma do Código Penal, que ainda não foi aprovada, prevê penas de até seis anos de cárcere para quem administre estas páginas. O problema é a ambiguidade com que foi redigido o texto e que introduz uma insegurança jurídica severa que afeta toda a Internet. Acresce a isto a polémica 'taxa Google' (cânone AEDE), que basicamente restringe o direito à informação.

**Mordaza à cultura**

Nos seus artigos 157 e 158, a atual Lei de Propriedade Intelectual determina que é ilegal facultar na Internet listas ordenadas e classifica-

.....  
 Uma comissão  
 poderá fechar sites e  
 impor multas sem  
 ordem judicial  
 .....

das de links, com ou sem fins lucrativos para as páginas web. Uma comissão criada pelo governo espanhol poderá fechar sites, impor multas ou perseguir quem os promova -empresas de hosting ou de pagamentos on-line, por exemplo- sem necessidade de ordem judicial.

A estratégia é a mesma que se utilizou contra a WikiLeaks: afofá-la economicamente fechando-lhe o acesso a PayPal e a serviços de hosting. Pese às suas campanhas de publicidade, na prática o que fez o Estado espanhol não foi procurar uma forma de compensar a quem tem a ideia, sem mediação de editores, mas simplesmente criminalizar a ligação para conteúdos partilhados.

**O direito à informação, nas mãos dum lobby**

No artigo 32º.2 a LPI introduz o cânone AEDE ou 'taxa Google', que obriga os agregadores de conteúdos on-line como Google News, Menéame ou Chuza -- poderia afetar também redes sociais como Facebook ou Twitter -- a pagar uma taxa para compensar pelos conteúdos que enlaçam dos

meios da AEDE. Trata-se Associação Editora de Diários Espanhóis, formada por grandes meios de comunicação adscritos a grandes grupos empresariais. Na Galiza há um jornal que faz parte do conselho de administração da associação: *La Voz de Galicia*. Quem compartilhar informação detes jornais, enfrenta-se a multas dentre 150.000 e 600.000 euros.

Assim sendo, este artigo está fabricado sob medida deste lobby da comunicação que veem em agregadores como Google News a causa da crise do seu modelo de negócio. O efeito: a restrição do acesso à informação. Espanha é já o único estado do mundo que cobra por enlaçar conteúdos públicos da Internet de tal maneira que os meios da AEDE controlam que e como se compartilha.

A apropriação do comum em benefício de uns poucos e perpetrada por um governo cujo presidente da Comissão de Cultura, Juan Manuel Albendea, de 77 anos, no dia que se aprovou a lei ainda não sabia que era um link ou ligação. "Eu não uso as redes sociais; tive Facebook mas fechei-o porque tive um desgosto muito grande: usurparam a minha identidade e publicaram um documento com a minha assinatura em que renegava do Rei", declarou Albendea em julho de 2015 a um diário espanhol. Ao perguntar-lhe se usava enlaces respondeu: "o que é isso?".

## Entidades de gestão reclamam imposto à leitura às bibliotecas

As bibliotecas municipais começaram a receber cartas das entidades de gestão que reclamam a taxa que devem pagar às sociedades de autores e editores por livro emprestado ou por utente/ou do centro. A taxa, de 4 céntimos per cada livro requisitado, vem fixada uma diretiva europeia que o governo espanhol decidiu aplicar a partir de janeiro de 2016. Mas, desde agosto de 2014, as administrações locais deveriam estar a pagar já os 5 céntimos por cada pessoa que utilize o serviço de biblioteca e os 16 céntimos por cada exemplar que comprem para os seus fundos.

Entidades de gestão como CEDRO, VEGAP ou SGAE começaram em janeiro

o envio de missivas em que "instam" às câmaras municipais a pagarem as quantidades de 2014, mas também as correspondentes aos anos 2009-2013 com carácter retrospectivo. Denuncia-o a Associação Profissional de Bibliotecari@s da Galiza num comunicado em que pedem a derrogação do decreto que introduz a diretiva europeia no direito espanhol pois, segundo informam, "a diretiva europeia a que se aferram permite aos estados membros isentar do pagamento da taxa às entidades de utilidade pública". Além disso, o coletivo pede ao governo espanhol que "não se vergue aos interesses de entidades privadas".

## Junta paga 5.000 euros pelo material que proíbe usar

Depois da entrada em vigor da Lei de Propriedade Intelectual, a secretaria da Educação respondeu aos centros de ensino uma circular para lembrar que é proibida a exibição de filmes e qualquer outro material audiovisual nas salas de aulas. Não era necessária a reforma do texto legal, pois a lei de 1996 -modificada em 2006- já permitia só a reprodução de "pequenos fragmentos de obras". No entanto, o governo galego justifica o aviso nas pressões que recebeu por parte das entidades que gerem os direitos de propriedade intelectual das produtoras.

tual das produtoras.

O curioso é que, a cada ano, a Conselheira destina um montante de ao redor de 5.000 euros para que os centros educativos adquiram de material audiovisual que agora proíbe utilizar para evitar que se violem "os direitos de propriedade intelectual, com ou sem intencionalidade". O professorado poderá emitir esse material pago pela Junta se o fizer em horário letivo -não como atividade extraescolar- e se for um fragmento "pequeno", isto é, "uma porção quantitativamente pouco relevante sobre o conjunto da obra".

**A FUNDO**

**DESCONHECIMENTO E INCOMPREENSÃO SEGUEM A MARCAR A VIDA DE MULHERES AFETADAS POR ENDOMETRIOSE**

# Quando o que dói não é a regra

**Afeta uma em cada dez das mulheres em idade fértil, 60.000 na Galiza, mas o vocábulo que a designa nem consta ainda nos dicionários. As dores que associadas à doença são, em muitos casos, incapacitantes mas o diagnóstico demora em média oito anos. Não é um cancro, mas atua da mesma forma: é uma doença benigna crónica e chama-se endometriose.**

**BETI VÁZQUEZ** / "Os sintomas são muito diferentes em cada mulher. Algumas estamos completamente assintomáticas e outras temos dores insuportáveis". Explica-o Carme Varela, que sofre de endometriose e é integrante da associação QuerEndo, recém-criada no País para romper o silêncio que rodeia esta doença e exigir que se cumpram os protocolos que contém o *Guia de Atenção às mulheres com endometriose*, do Ministério da Saúde espanhol.

"Os sintomas que temos as mulheres são subestimados e o atraso no diagnóstico traz consigo um agravamento da doença", diz Varela, que tardou 13 anos a ser diagnosticada. "Temos dor. Algu-

mas só nos dias da regra, outras quando ovulamos, outras durante as relações sexuais e outras com a micção ou ao defecar. Mas o comum às mulheres com endometriose é que acumulamos dias e dias de dores intensas".

A ausência de diagnóstico traduz-se em invisibilidade, mas também em incompreensão. No colégio, no emprego, em casa, na universidade... ninguém entende porque uma mulher que -dum ponto de vista médico- não está doente se vê incapacitada para uma vida normal. "Todos os tabus unidos à menstruação ajudam a que não se lhe preste a atenção devida e a que as mulheres que a padecem não falem disso".

## 20 dias de dor por mês

Da QuerEndo também faz parte Ana Touriño, diagnosticada de endometriose no ano 2007, quando ainda era estudante universitária "e a força de insistir, porque se confundia com outras doenças e porque não aparecia numa ecografia". Ana sofre dor pélvica crónica associada a esta doença. Como ela mesma sublinha "não é um grau alto, mas é muita dor".

Nos cinco anos que demoraram

em pôr nome a essa dor, a jovem passava 20 dias de cada mês com vômitos e praticamente incapaz de andar. "Foi um período muito duro e complexo porque a nível pessoal, laboral e social me encontrei com muita incompreensão. Eu mesma não o entendia. Chegas a pensar que são imaginações tuas, que estás a exagerar, mas como che dói tanto... segues aí".

"Eu desmaiava com a regra", lembra-se Carme Varela. E assim estiveram mais de dez anos. "Qualquer dor menstrual que não obedece aos anti-inflamatórios, a um ibuprofeno, é suspeito", afirma enquanto revê as respostas que achou no longo percurso de consulta em consulta à procura de um diagnóstico: "que devia aprender a aguentar porque tinha o útero em retro e que me havia de doer sempre, que não todas as mulheres suportamos igual as dores menstruais, que já iria passar ao ser mãe...".

## Mas, que é a endometriose?

De maneira geral, consiste na presença de tecido endometrial -que recobre a parte interna do útero e que as mulheres perdemos na menstruação- fora do útero. A atividade dos ovários permite a este

.....  
**"Os sintomas que temos as mulheres são subestimados e o atraso no diagnóstico traz consigo um agravamento", diz Carme Varela, que tardou 13 anos a ser diagnosticada**  
 .....

tecido implantar-se e crescer noutras partes do corpo. O habitual é que fique na cavidade abdominal, em órgãos como os ovários ou as trompas de Falópio, embora também seja frequente que se instale nos intestinos e, em casos extremos, chegar até o estômago, as meninges, os rins ou os pulmões.

Os nódulos de tecido não se veem numa ecografia nem se detetam com apalamentos se não tiverem forma de cisto. "Até há bem pouco dizia-se que a única maneira possível de diagnosticar era praticar uma laparoscopia", diz Carme Varela. Trata-se de uma operação cirúrgica que requer praticar dous ou três pe-

quenos cortes no baixo-ventre, para introduzir primeiro uma câmara e, se o diagnóstico for confirmado, extrair os tumores ou destruí-los com calor intenso. Desde que puseram nome à sua dor até hoje, a Carme praticaram-lhe uma dezena de laparoscopias porque enquanto há atividade ovárica a endometriose vai alastrando. Também lhe realizaram uma laparotomia para extirpar o útero e um ovário.

As implantações de endometrio podem ser minúsculas e estar repartidas por quase todo o corpo. Mas a doença mistura a presença deste tecido fora do útero com a capacidade que tem para continuar a crescer. Como? Com os estrógenos, uma hormona que produzem os ovários mas que está também presente a mais de 15.000 substâncias no nosso meio e que chegam a nós através do ar -das emissões dos tubos de escape ou dos inseticidas-, da comida, da água ou das dioxinas que contêm as rações para o gado. Um estudo consultado para a redação desta reportagem sustenta que é possível induzir endometriose a uma chimpanzé fornecendo-lhe dioxinas durante um período de 5 anos. A doença não teria então só um





componente genético, mas viria agravada pelos fatores ambientais.

#### Quando a dor também tem género

"Enfrentamo-nos a um desconhecimento total da doença", resume Ana Touriño ao ser inquirida pela relação o corpo médico e polos tratamentos existentes a dia de hoje para a endometriose. "Uma vez que tens posto o nome, toca brigar contra a invisibilidade e toca um período de dó: tens de assumir que sofres uma doença crónica e que os tratamentos que há são remendos e paliativos".

Às respostas que antes comentava Carme acresce as receitas de Lexatin que prescreveram a Ana "porque me diziam que era ansiedade, que a doença estava na minha cabeça". Conta que o experimentou tudo, desde da medicina convencional até a medicina alternativa "mas nada me ia bem". Até que em 2008 se submeteu a uma operação cirúrgica e desde então segue um tratamento hormonal sem descanso. "É curioso que, depois de visitar dúzias de profissionais especializados em centros públicos e privados, quem encontrou a melhor maneira de mitigar os sintomas foi o ginecologista da minha vila, muito preocupado por estar ao dia", refere a jovem. Há 5 anos que não lhe baixa a regra mas as dores são "muito menores" e a sua qualidade de vida melhorou imenso.

A frustração de Ana é compartilhada por Carme e por todas as mulheres doentes de *endo*. "Chega um momento em que sentes que talvez estejas a exagerar, que realmente é uma dor normal associada à regra e que te queixas demasiado", confessa Carme. E continua: "que se trate de uma doença que só

.....  
 "Se também afetasse homens, já existiria uma cura ou estaria a ser procurada"  
 .....

.....  
 Na Galiza não há uma só unidade multidisciplinar especializada  
 .....

afeta mulheres vai contra nós; eu não concebo uma doença em que um homem desmaie três ou quatro dias por mês e fique 13 anos sem diagnosticar". Na mesma linha manifesta-se Ana: "é uma questão de género; se afetasse também os homens, já existiria uma cura ou alguém estaria a procurá-la".

#### Galiza incumpe 90% das recomendações

Se o panorama para estas mulheres é mau a nível mundial, a nível nacional é muito pior. Na Galiza não existe nem uma só unidade especializada nesta doença com carácter multidisciplinar. "Põe-me um tratamento que afeta o aparelho urinário mas não te vê um urologista, por exemplo", explica Carme Varela. Como também não existe uma unidade que atenda os quatro graus da doença. A unidade mais especializada está em Vigo, no hospital Geral Sies, onde duas médicas só veem casos de endometriose. Mas só atendem às sextas-feiras. Além disso, as pacientes em grau quatro –o de maior gravidade em relação à localização e à gravidade da lesão,

não aos sintomas– são derivadas para Madrid, à unidade multidisciplinar do hospital La Paz. O Sergas devolve o dinheiro das deslocações até Madrid -as pacientes devem adiantá-lo- mas não cobre despesas de alojamento. No resto dos hospitais galegos não derivam. Do *Guia de atenção às mulheres com endometriose*, elaborada pelo governo espanhol em 2013, Galiza incumpe 90% das recomendações. Não há nem sequer um protocolo "claro" de derivação das pacientes para outros hospitais. Carme Varela recensou-se na Catalunha para receber tratamento médico em condições, "mas essa não é a solução".

O *Guia* do ministério espanhol indica quais são as unidades especializadas mas não obriga os governos dos diferentes territórios a que as reconheçam e as ponham em funcionamento. "Como acontece com uma doente de cancro, que não vai de um hospital para outro, os 14 hospitais galegos deveriam ter uma unidade de referência para a endometriose", insistem Ana Touriño e Carme Varela. Além disso, reclamam atenção psicológica para as famílias das mulheres doentes. "Aqui não se nos presta nem a nós... e, se insistirmos, dão-nos uma baixa por depressão, como se não estivesse relacionado com a *endo*".

#### QuerEndo... sororidade

Por todo isso nasceu a associação QuerEndo. Para exigir mais investigação, para que se procure um tratamento, para que a atenção médica seja a melhor e as mulheres não se encontrem com ginecologistas que não sabem que é a endometriose. Para reclamar mu-

.....  
 Ainda se encontram ginecologistas que não sabem que é a endometriose  
 .....

danças até no simbólico e que a Real Academia Galega inclua esta palavra no seu dicionário. Para dar a batalha nas instituições com competência em matéria de saúde pública. E, sobretudo, para praticar o apoio mútuo e que nenhuma mulher com *endo* se encontre sozinha nunca mais. "Esta doença marca a tua qualidade de vida... falas com outras mulheres e não sabes o que te passa... incompreensão, essa é a palavra", descreve Ana Touriño.

Quando ela foi diagnosticada "era quase impossível encontrar informação através da Internet". As associações com mais atividade eram da Andaluzia. "Eu entrei em contacto com mais afetadas galegas através de um foro da associação andaluza", diz, destacando a importância de que qualquer mulher que sofra endometriose ou que seja diagnosticada a partir de agora saiba que existe em Galiza um coletivo de referência onde outras mulheres compreenderão o seu caso porque o viveram. "As nossas mães e as nossas avós teriam *endo* e não souberam; a difusão da doença é importante", enfatiza Ana.

"Não deveria ser responsabilidade nossa, mas do governo...", aponta Carme, quem se pergunta "por que não se está a avançar no diagnóstico precoce?" Foi em 2005 que o Parlamento europeu aprovou uma declaração institucional

que reclamava avanços no diagnóstico e campanhas de informação para potenciais afetadas e para o pessoal médico. Passaram dez anos e nada foi feito.

#### Após o diagnóstico, quê?

A solução cirúrgica da que falámos –aparoscopia e laparotomia– não presta para todas as mulheres e, além disso, costuma ir combinada com um tratamento hormonal. A pílula anticoncepcional funciona nalguns casos, paralisando a evolução da doença. Noutros, prescreve-se Decapeptyl, uma medicação concebida para os homens, para tratar o cancro de próstata, cujo prospeto indica que não se apliquem mais de nove injeções, uma a cada seis meses. No entanto, às doentes de *endo* são administradas doses "bem mais altas", explica Carme Varela. "Somos reticentes a este tratamento" porque provoca uma menopausa química, com desgaste de ossos, danos nas articulações e até problemas de memória.

"Se queres ficar grávida e não o consegues, então sim que te olham a fundo", conta Carme. "Não podem ver-nos como a reprodutoras! Há mulheres que não querem ser mães, e as há que tiveram duas ou três filhos e continuam com dores da endometriose", denuncia, em relação a uma das respostas com que mais pacientes se encontraram na consulta médica: "há-che de passar quando tiveres filhos". Esta frase, ouviram-na em atenção primária, mas também em atenção especializada de ginecologia. "Há médicos que recomendam a gravidez como solução terapêutica e é verdadeiro que a gravidez detém os sintomas, mas depois voltam".

A endometriose é uma das principais causas de infertilidade nas mulheres. Sem tirar importância a esta problemática, uma mais para as doentes que querem ser mães, a associação QuerEndo reivindica também que não sejam incluídas nas listas de espera FIV para a fecundação *in vitro* "porque os tempos para nós são diferentes e se entramos numa lista de espera em igualdade de condições, bem pode ser que quando nos marcarem consulta para a implantação dos embriões, já não tenha sucesso".

E assim, enquanto se continua a tatear no escuro com os tratamentos e enquanto permanece, à espera de uma resposta da Conselheira da Saúde à carta que enviaram em janeiro solicitando uma reunião, Carme e Ana encorajam outras mulheres que padeçam ou suspeitem que padecem *endo* a "que não se rendam; que contem o seu caso à/ao ginecologista e que insistam muito nas incapacidades que gera a sua dor; que não se cansem nunca de insistir".

# Cleanet: a empresa de limpeza que fixo desaparecer milhons de dinheiro público

Com a entrada da Cleanet Empresarial em concurso de credores e a rescisom do seu contrato por parte do Ministério de Defesa, o conflito laboral das trabalhadoras da limpeza das instalaçoms militares entra numha nova etapa. Após meses de mobilizaçoms, depois de padecer situaçoms difíceis e com vários salários mensais sem cobrar, as trabalhadoras terám que aguardar polos pagamentos do Fundo de Garantia Salarial (Fogasa), enquanto que o ocorrido com as concessoms da Cleanet é mais um exemplo de como a externalizaçom de serviços é agressiva para com os direitos das operárias.

A.L. RIVAS / Em março de 2013 a Junta de Contrataçom do Ministério de Defesa formalizava os diversos contratos, repartidos em lotes de diferentes zonas do Estado, do Acordo-Quadro para os serviços de limpeza nas instalaçoms de Defesa. Neste processo umhas das empresas mais beneficiadas foi a Cleanet Empresarial SL, quem se fijo com a adjudicaçom de três lotes reduzindo os preços iniciais das licitaçoms até quase um 80%. Assim, no lote 1, em que se inserem as instalaçoms militares espanholas situadas na Galiza, o orçamento base da licitaçom situava-se por cima dos 19 milhons de euros enquanto a oferta final da Cleanet ficava em algo mais de 4 milhons e meio, segundo os dados publicados no BOE.

Mas as outras empresas que conseguírom contrataçoms, entre as que se encontram a Clece ou a Eulen, também empregárom a mesma prática de tirar os preços à baixa, umha jogada que se vê favorecida polo próprio sistema de concurso empregado por Defesa: o leilom electrónico. Este procedimento de contrataçom nom tem nada a ver com os concursos baseados na abertura de sobres. No leilom electrónico estabelecem-se fases, após umha avaliaçom inicial das ofertas, em que as empresas revisam à baixa os preços, resultando adjudicada a contrataçom à proposta mais barata no final.

Seguindo com o exemplo da Cleanet Empresarial, o conjunto



Protesto do pessoal de Cleanet no Ministério de Defesa, em Madrid / cig

dos três lotes que conseguiu esta empresa contaria com umha licitaçom inicial de mais de 50 milhons, mas a empresa fai-se com esses lotes por menos de 12 milhons. Fontes sindicais afirmam que estes preços tornam insustentável o fornecimento do serviço contratado.

## Sem salário e ameaçadas

A Cleanet, que contava com a contrataçom por dous anos, começou a operar em maio de 2013 e já desde o primeiro momento trabalhadoras e sindicatos, especialmente a CIG, denunciavam a demora no pagamento e mesmo problemas no fornecimento de material. O conflito laboral centrou-se nas localidades de Ponte Vedra e Ferrol, mas é de salientar que no resto do Estado, ali onde a Cleanet conseguiu a contrataçom, acontecérom os mesmos problemas e as mobilizaçoms das trabalhadoras também fôrom contínuas.

Em Ponte Vedra viram-se afec-

.....  
 “O Ministério de Defesa era bem ciente do problema”, indicam desde a CIG  
 .....

tadas um total de 36 trabalhadoras, com uns 5 meses de salários em atraso, repartidas na Brilat, na Escola Naval de Marim, na Residência Militar, no Complexo Desportivo Militar de Campolongo e na Subdelegaçom de Defesa. Em Ferrol, a Cleanet contava com um total de 54 trabalhadoras, neste caso empregadas no Arsenal Militar, na Residência ou na Escola Naval Militar. Em Ponte Vedra as trabalhadoras mobilizárom-se através de convocatórias de greves e concentraçoms perante as instalaçoms militares. Em Ferrol as trabalhadoras da Cleanet estivérom em greve de 27 de outubro a 8 de março.

A CIG-Serviços também denuncia as ameaças que as trabalhadoras sofreram por parte de comandos militares. Este sindicato denunciava que em Ponte Vedra os comandos estavam a dar ordens às trabalhadoras, quando elas som empregadas dumha empresa. Por outra lado, também em Ferrol houve idênticas pressoms. O sindicato nacionalista denunciou que até ameaçaram as trabalhadoras em greve com a retirada da autorizaçom de acesso às instalaçoms militares.

## Empresa sem propriedades

Junto ao sindicato ELA, a CIG deslocou-se a Madrid no mês de janeiro, quando algunhas trabalhadoras da Cleanet levavam já mais de três meses sem receber, para se reunir com responsáveis de Defesa. Na véspera dessa junta, quando já a delegaçom sindical saíra dos autocarros em direçom à capital do Estado, o Ministério

emitia um comunicado de imprensa em que informava da decisom de rescindir o contrato à Cleanet. Segundo afirmam fontes da CIG, o Ministério reconheceu que se estava abonando à empresa e, no entanto, esse dinheiro nom estava a chegar às trabalhadoras. “O Ministério estava bem ciente da problemática”, afirma o sindicato.

No momento dessa junta já a Cleanet solicitara em dezembro de 2014 o concurso de credores, o qual foi aprovado em fevereiro deste ano, sendo nomeado como administrador concursal um homem da PricewaterhouseCoopers. Agora corresponderá ainda mais despesa pública, pois as trabalhadoras terám que receber do Fogasa enquanto a empresa, segundo informam desde CIG-Serviços, ao carecer de bens próprios, nom poderá ser embargada.

“Para a Cleanet era o negócio perfeito. Ao ser umha empresa que apenas empresta serviços nom tem grandes gastos de produçom. Apenas tem que manter os salários de pessoal, que lhe chegou subrogado, e os gastos de fornecimentos de materiais”, explica o sindicato. Com a rescisom do contrato à Cleanet, que se fai efectiva neste mês de março - a menos de dous meses para para expirar -, aguarda-se a chegada dumha nova empresa concessionária. Nesta ocasiom, a beneficiada será a Clece, do grupo ACS, agora mediante concurso sem publicidade, e enquanto nom se abre o próximo procedimento de contrataçom.

## Repressom sindical na cafetaria da Brilat

Os casos de pressom a trabalhadoras em concessionárias que trabalham em instalaçoms militares nom som umha notícia recente. Assim, a CIG de Ponte Vedra leva denunciado a repressom sindical que está a sofrer as suas filiadas na cafetaria da base militar da Brilat.

Desde a chegada da empresa Eshovet Po-Ca, do empresário andaluz José Luis Espinar Galán, à Brilat há 9 anos, “sempre houve problemas com filiadas da CIG”, denuncia CIG-Serviços, “chegavam a pagar-lhes em mao ou em sacas com moedas dum céntimo. Pagavam-lhes

mais tarde e humilhavam-nas”. Também se denuncia o caso dumha trabalhadora que leva já três sentenças por despedimentos nulos, que mesmo foi confinada a trabalhar num armazém durante seis horas diárias ao longo de seis meses.

Segundo informa o sindicato,

atualmente existe umha imputaçom penal, por um delito de repressom sindical, contra o empresário e a encarregada, María Jesús López Somoza. “Mas ainda nom há data para a vista oral, pois eles estão a fazer demorar o processo ao nom recolher as citaçoms”, denunciavam. A nova concessom para a exploraçom da cafetaria outorga-se nesta ocasiom à empresa Hovet Pomar, cuja administradora única até janeiro último era a encarregada da concessionária anterior.

## A EXAME

CONVERSA COM DUAS MILITANTES ARREDOR DA EXPERIÊNCIA DAS MULHERES NO SINDICALISMO

# “Defender a conciliação e não aplicá-la é sindicalismo só de boca para fora”

**ANA VIQUEIRA** / A violência laboral contra as mulheres bate com um sindicalismo ainda muito masculinizado obstaculizando resoluções com perspectiva de género. Raquel Lema adentrou-se no mundo sindical em 2009 da mão da Central Unitária de Trabalhadoras e atualmente é a secretária comarcal do sindicato em Compostela e presidenta do comité da CRTVG. “Há poucas mulheres no sindicalismo e ainda menos em cargos de responsabilidade”, às vezes “a nos mesmas nos custa assumi-lo e delegamos nos homens” pola ordem patriarcal da sociedade “que nos fai estar ocupadas em outras cousas”.

Além dos códigos masculinos, os ataques machistas fazem parte do trabalho do dia a dia. “Fai-se duro porque som muitas horas em que estás sentada com muitos homens que te nomeam dicindo ‘chavalita’, ‘Raquelita’ ou mesmo chegarom-me a dizer ‘rapaza voluntariosa’, é quase impossível responder a umha agresom direi-



ta coma esta sem agredir, sem esse mesmo código”. O objetivo que pretendem causar esses ataques machistas direitos é “desautorizar-te, fazer-che sentir a ti e transmitir ao resto que nom estás preparada por ter vagina e tetas”. Ser mulher e sindicalista, para Lema, também implica a contínua exposição da vida privada. “Nas negociações sempre som eu quem reclama que as reu-

.....  
 “Desautorizam-te para fazer-che sentir que nom estás preparada por ter vagina”  
 .....

nions sejam de manhã e nom de tarde ou de madrugada para poder cuidar a minha filha” pese a

que nas mesas de negociações sim há mais pessoas que temem crianças. “Há demasiados que defendem a conciliação mais logo nom a aplicam; isso chama-se sindicalismo de boca para fora”.

**Empoderamento feminista no sindicalismo: “Sinto-me mais forte em todos os âmbitos da minha vida”**

Raquel Lema aposta na necessidade de que as mulheres se introduzam no sindicalismo e se dea um relevo geracional. Neste sindicato, recém incorporárom-se duas mulheres de 22 anos que se encontram em processo de formação. Umha delas critica que nesta aprendizagem apenas está a ter contato com outras mulheres sindicalistas e que, polo tanto, a formação que recebe nom é feminista nem contém perspectiva de género. “Se a Raquel lhe chamam ‘rapaza voluntariosa’ a mim que me vam dizer?”. Sabendo que agarda umha realidade machista, “há que fa-

zer um empoderamento, e dos hândicaps, fortalezas”.

Raquel Lema sostém que, pese a existência de dor e esforço no exercício do sindicalismo, também “nos transformamos em mulheres muito mais poderosas, sinto-me muito mais forte em todos os âmbitos da minha vida” e resume enquanto sorri: “Cheguei ao sindicalismo empoderada, com a CUT empoderei-me mais, e agora ilevito!”

Ficando aparte as duplas jornadas ou a mais-valia que o trabalho feminino nom remunerado outorga ao varom, atualmente a existência dumha «recuperação económica» é impossível para as mulheres. A produçom e reproduçom exercida polas trabalhadoras continua a ocupar umha posição de despreço na estrutura social e económica do País. Mas frente a ela, o feminismo começa a tomar posições dentro do movimento sindicalista e a identificar -para depois combater- o patriarcado dentro das relações laborais.

## O alto preço de desafiar a ordem capitalista e hetero-patriarcal

MULHERES SINDICALISTAS: “MULHERES MÁS” OU FILHAS DILETAS DO PATRIARCADO

**MARI FIDALGO** / A violência intrínseca à maquinaria capitalista, que atravessa punçadamente as relações laborais, multiplica-se no caso das mulheres e outras identidades minorizadas, ao conjugar-se com práticas machistas, lesbo, homo e transfóbicas.

Para além da violência estrutural que supõe a persistente desigualdade de direitos (cujos exemplos referidos ao acesso, permanência e promoção laboral ou a prestações costumam ser amplamente visibilizados nos discursos produzidos com o galho do 8 de março, junto com a brecha salarial e outras tantas perversões), o sistema simbólico patriarcal recai com todo o seu peso sobre aquelas que ousam desafiar a sua organização hierárquica.

Qualquer amago de transgressão às

relações de poder patriarcais é categorizado como próprio das “mulheres más” (categoria que logicamente reivindicamos pela carga subversiva que possui!) e terá as sanções correspondentes. Toda desviação do esquema de docilidade, obediência e funcionalidade aos sistemas capitalista e hetero-patriarcal é castigado duramente, pois deve ser exemplarizante. Para as mulheres que praticam um sindicalismo combativo e não subserviente isto não é diferente.

Nesse caso a violência patronal busca estratégias diversas além do assédio laboral e sexual: paternalismo, infantilização, controle, disseminação de rumores e difamações ou a geração de conflitos entre companheiras e companheiros de traba-

lho. O desafio ao poder estabelecido pela ordem capitalista e patriarcal encarnado na patronal paga-se amiúde não só nas clássicas formas de repressão sindical, senão com a erosão da autoestima da trabalhadora, acabando por estender-se a outros âmbitos da vida, deteriorando todo o conjunto de relações sociais e impatando diretamente sobre a sua saúde.

Porém, este não é o único obstáculo que precisamos enfrentar no âmbito sindical. Tendo presente que a dia de hoje as organizações sindicais são ainda (deixarão algum dia de sê-lo?) espaços profundamente patriarcais, o simples questionamento, que dizer da insubmissão, contra as suas lógicas representa uma afronta pela que também se costuma pagar muito caro. Desle-

gitimação, ostracismo e mesmo expulsões encobertas são práticas comuns no seio das organizações sindicais e sociais.

A consideração das diferentes pautas feministas como um assunto de menor categoria, colocado em segundo plano quando se trata de abordar os temas “prioritários”, e instrumentalizadas quando melhor convém, representam uma mostra mais de que desvencilhar-se do poder e do reconhecimento masculino tem elevados custos.

Desembaraçar-se dos cantos de sereia do poder e renunciar ser as filhas diletas do patriarcado, assumindo os custos que conlevam esses atos de insubmissão, levamos uma vez mais ao debate central sobre a auto-organização das mulheres, a autonomia e o papel dos espaços mistos na luta feminista.

Enquanto avivamos a lenha desse e outros debates e cozinhamos alianças e estratégias de agenciamento, uma única certeza nos acompanha: a convicção de que a liberdade não se concede, arrebatada ao poder.

**Mari Fidalgo** participa no ativismo feminista e no sindicalismo combativo

## A EXAME

NOM RECONHECER O CARACTER LABORAL FAI INVISÍVEIS OS FEMINICÍDIOS CONTRA TRABALHADORAS SEXUAIS

# Maioria da violência laboral contra as mulheres é de origem machista

Cerca de 93 mil galegas cobram menos de 2.000 euros anuais. Isto é 20,7 por cento das mulheres que apresentaram a declaração da renda, segundo o informe apresentado pela Confederação Intersindical Galega no marco do 8 de março. Ademais da precarização do emprego, a maior parte dos conflitos laborais que afetam as mulheres originam-se no não reconhecimento dos direitos sexuais e reprodutivos das trabalhadoras.

ANA VIQUEIRA / A discriminação contra a mulher não só se atopa no acesso ao emprego senon também na forma de ocupar o posto de trabalho e as qualidades do mesmo: As precárias condições laborais em empregos feminizados como a limpeza, ou as diferenças salariais dependendo do sexo tal como ocorre na ABANCA onde as mulheres representam a maioria das afectadas polos Expedientes de Regulación de Empleo (EREs) em matéria de jornada.

Mais a maioria dos conflitos laborais que afetam as mulheres vinculam-se a empresas que não reconhecem o direito à maternidade das trabalhadoras segundo adverte a responsável da Secretaria da Mulher da Confederação Intersindical Galega, Margarida Corral. No verão de 2014, o SERGAS denegou a assinatura dum contrato a uma trabalhadora por estar grávida de sete meses e ser declarada não apta pela unidade de prevenção de riscos laborais, uma medida que a conselheira de Sanidade Rocio Mosquera chegou a qualificar como «adequada». Apenas seis meses depois voltou-se a repetir o mesmo esquema, uma trabalhadora foi despedida pelo Burger King de Compostela junto à sua parênta depois de ficar grávida.

A vulneração dos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres no seu posto de emprego não é inusual. Margarida Corral sublinha as denúncias por assédio sexual emitidas tanto pelas próprias filiadas como as feitas por mulheres que elas assessoram. Neste eido, res-



salta um caso em que, após solicitar um assessoria por assédio sexual, “uma trabalhadora sofreu agressões sexuais e uma violação por parte do seu chefe, do qual nos enteramos depois de ser citadas como testemunhas no juízo penal”, aponta a responsável pela Confederação da Mulher da CIG.

**Violência laboral no trabalho sexual: os feminicídios invisíveis** Enquanto se mantém um debate teórico sobre a abolição ou regulação do trabalho sexual, na prática as mulheres que exercem esta atividade carecem de direitos laborais e os assassinatos contra elas não estão a ser contabilizados e condenados. De reconhecer-se-lhes o carácter laboral, poderíamos dizer oficialmente que a violência laboral machista tem a sua cara mais dura no trabalho sexual, com as trabalhadoras assassinadas no seu posto de emprego. Isto implicaria o seu respetivo reconhecimento e indenização. O atual governo espanhol ampara-se na primeira lei contra a violência machista espanhola, aprovada por José Luiz Rodríguez Zapatero em 2004, onde limita a definição da violência machista à exercida no seio da parênta ou ex-parênta deixando fora relações de poder do homem sobre a mulher.

## A lei contra a violência machista deixa fora os feminicídios de trabalhadoras sexuais

Neste caso, a lei é o escudo mediante o que o governo invisibiliza os feminicídios dum colectivo de mulheres que realizam uma atividade concreta.

Entre 2010 e 2014, segundo notícias de imprensa, produziram-se 24 assassinatos de trabalhadoras sexuais no território do Estado: sete em Andaluzia, seis em Valência, cinco em Catalunha, dois em Euskadi, e um em Madrid, Melilha e Castela- A Mancha.

### “Mais precariedade do que há uma década”

Um dos organismos que trabalha diretamente com mulheres que exercem o trabalho sexual ou prostituição é Vagalume, agrupação que nasce da mão das Irmãs Oblatas e no seu de Cáritas. O trabalho ao pé de rua leva-as a diagnosticar o pioramento das condições em que as mulheres desenvolvem esta atividade. “Há vinte anos a prostituição estava muito ligada com a ex-

clusão social, mas este perfil foi mudando até nos últimos sete anos quando muitas mulheres abandonaram Galiza deixando a atividade enquanto outras, que deixaram a prostituição, voltaram”. A mudança baseia-se em que antes se fazia dinheiro e agora apenas, “é muito mais precária e cutre”.

Ante a denigração salarial, muitas mulheres remataram contraindo matrimónio com algum dos clientes pero “longe de melhorar, a situação das mulheres que casaram piorou notavelmente”. “E disto quem fala?” pergunta Lourdes Pazo.

### Umha sentença reconhece carácter laboral no trabalho sexual

A finais de fevereiro deste ano, o Julgado do Social nº 10 de Barcelona emitiu uma sentença não firme que reconhece por primeira vez o carácter laboral do trabalho sexual, um passo que poderia abrir a porta a que podam ver reconhecidos os seus direitos laborais como a formalização dum contrato, a correspondente alta na Segurança Social ou prestação por desemprego. O argumento da sentença baseia-se na inexistência de obstáculo legal para reconhecer a laboralidade.

A engrenagem jurídica deste caso começou quando a Tesouraria

Geral da Segurança Social interpuo uma demanda contra a proprietária dum centro de massagens eróticas de Barcelona instando o Julgado que declarasse o carácter laboral das que realizavam atividade no centro. A empresária demandada alegou que as mulheres exerciam a sua profissão por conta própria mas não o considerou assim o Julgado do Social.

O magistrado Agustí Maragall baseou-se em que os serviços se ofereciam através dum site web do centro de massagens e que as mulheres realizavam os seus serviços no local sob a dependência e organização da mesma para concluir na existência de laboralidade.

O juiz bota mão dumha resolução do Parlamento Europeu de 26 de fevereiro de 2014 sobre exploração sexual, prostituição e seu impacto na igualdade de género. Esta considera que toda prostituição ou trabalho sexual, e não só a forçada, tem componente de género e constitui uma violação à dignidade humana. Com isto, o magistrado Maragall argumenta que no entanto o Estado Espanhol não erradique esta actividade, o não reconhecimento dos direitos laborais agrava ainda mais a situação atentando à “dignidade, liberdade e a discriminação por razão de sexo”.

## MEDIA

■ O SINDICATO DEMITIU DA PRESIDÊNCIA DO COMITÉ INTEREMPRESAS DO ENTE PÚBLICO

■ NOTAS DE RODAPÉ

# A aprovação do convénio da CRTVG provoca que a CUT force eleições sindicais

## Um Eixo Atlântico atrasado 35 anos, mas quase feito

O novo convénio coletivo da Companhia de Radio/Televisión de Galicia (CRTVG) foi aprovado no referendun que tivo lugar no passado 12 de março, obtendo 400 votos a favor (53%) e 318 votos em contra (42%). Na votação, que contou com umha alta participação do pessoal (81%), também se registrárom 28 papeletas em branco (4%) e outras quatro nulas. Como consequência do resultado, a CUT, o sindicato maioritário no Comité Interempresas da companhia e o único representado na mesa de negociações que pediu o 'nom' para o convénio, anunciou a sua demissão da presidência e a secretaria do Comité Interempresas da companhia assim como das mesmas responsabilidades no Comité da TVG.



.....  
 A CIG saúda o texto por evitar a situação de "incerteza" pola ausência de convénio próprio  
 .....

R.R. / Com esta decisom, a CUT pretende "despejar" o que considera "umha creba de confiança nos sindicatos assinantes do acordo prévio dum lesivo convénio coletivo por umha parte muito importante do quadro de pessoal", segundo declarações de Raquel Lema, representante do sindicato, recolhidas por *Praza*. O acordo prévio de convénio, agora já avalizado por pouco mais da metade dos votos dos trabalhadores, foi assinado pola CIG, CCOO, UGT, USO e a direção da empresa pública.

Poucos dias antes de que os trabalhadores acudissem às urnas, a CUT denunciou que detetara umha rebaixa salarial encoberta no texto sometido a referendun. Segundo umha folha informativa difundida pola central, a rebaixa salarial estaria oculta no desenho do Complemento Convénio. Assim, no texto aprovado, vários complementos compensatórios -que supõem um incremento de 8,21% daquelas partidas salariais sobre as que se aplicarem- iriam ser aplicados àquelas retribuições "fixas e periódicas", excluída a antiguidade. O problema está em que, segundo explica a CUT, com retribuições "fixas e periódicas" a empresa refere-se apenas ao salário base, a dous pagamentos extras e o chamado terceiro pagamento. Dessa maneira, esses complementos compensatórios nom seriam aplicados sobre outros complementos fixos e pe-

riódicos, como "o complemento específico de convénio". A reduçom salarial será de entre 200 e 1.000 euros ao ano dependendo do trabalhador, segundo os cálculos manejados pola CUT.

Pola sua parte, a CIG -a segunda central com mais força na CRTVG- defende o novo convénio e nega que exista rebaixa salarial nenhuma. Santiago Alvite, representante deste sindicato, explica que os complementos compensatórios sim que se aplicarám no complemento específico de convénio por ser este umha retribuiçom "fixa na sua quantia e periódica no seu devengo". Para ele, o texto do convénio nom deixa lugar a dúvidas.

### A importância do convénio

Durante dous longos anos de negociações, a CUT chegou a ceder e tivo que negociar medidas como, por exemplo, a congelaçom da antiguidade ou a aplicaçom da jornada irregular. Segundo o sindicato, a sua pretensom era sacar adiante um plano de convergência que permitisse consolidar o emprego na companhia, mesmo assumindo essas cesons. Apesar de que foi a própria empresa a que no seu dia propôs este plano, acabou retirando-o da mesa de negociações. Esta negativa da direção somou-se a outras anteriores, pois a em-

presa já evitara negociar um plano de produçom interna própria ou regular os concursos de deslocamentos no convénio, o que motivou que a CUT abandonara a mesa de negociações e pedisse o "nom" para o convénio.

O que aconteceria se ganhar o "nom"? Com a última reforma laboral, que tomba a ultra-atividade dos convénios, as relaçoms laborais da empresa passariam a regular-se polo convénio de âmbito superior. No caso particular dumha empresa audiovisual de titularidade pública como é a CRTVG, a CUT defendeu que nom era possível dirimir *a priori* qual seria esse convénio de âmbito superior ou mesmo se se teria que acudir ao Estatuto dos Trabalhadores. Para sabê-lo haveria que passar por um "complexo" processo judicial, segundo explica Lema. Desde a sua perspectiva, rejeitar este convénio teria permitido explorar outras vias de negociaçom até forçar um novo acordo "mais benéfico" para os trabalhadores.

Porém, a CIG sim que assinalou qual seria o convénio de âmbito superior que se aplicaria de chegar o caso: o convénio estatal de produçoms audiovisuais, com umhas condiçoms laborais muito piores do que os convénios da CRTVG. Além disto, Alvite fai finca-pé no risco que no seu ver supom carecer de convénio próprio: "O que se negociava justificava umha ausência de convénio coletivo, com a incerteza que isso supom na regulaçom das relaçoms laborais?", ao que ele próprio resposta com umha negativa. Lema criticou tanto aos sindicatos assinantes como a direção da empresa por empregar o que denomina "o discurso do medo" para obter uns resultados favoráveis ao convénio.

A última renovaçom do ferrocarril do Eixo Atlântico fora aprovada por Madrid o 22 de junho de 2004. O remate das obras estava previsto para o 2007. Hoje ainda nom está em funcionamento. A sua velocidade media é inferior a 50 km/h.

O compromisso do governo de Rajoy (2011) foi de rematar as vias co-financiadas polo FEDER, mais 2012 passou sem investimentos na velha linha Compostela-Redondela, basicamente a de 1889.

A ministra Pastor expom a sua cara às câmaras dos telejornais como prova do avanço do ferrocarril. Pastor costuma pronunciar a expressom em espanhol "prácticamente terminado". Pode ser que a infantaria do jornalismo pida contas à ministra polo práctico decorrer dos anos sem o comboio chegar, mas as primeiras páginas e as caretas dos telejornais nom o revelam.

As duas últimas representaçoms da panxemi-queira máquina do tempo de Pastor sucedem em 2013 à beira da ponte de Catoira sem rematar mais "quase feita", em 2014, com "quatro detalhes por colocar" e, por fim, em 2015 numha foto de catorze cascos de obra com ministra e conselheiros debaixo. Celebram o remate do viaduto mais algumha informaçom (nom todas) precisa que faltam as vias e o tendido elétrico.

Os meios xa esperavam a rápida renovaçom do ferrocarril do Eixo Atlântico na altura do ano 80 do século passado, com a Junta de Antonio Rosón e por causa da indignada reclamaçom de Camilo Nogueira e companheiros nacionalistas. O resto fôrom 35 anos proféticos de UCD, PSOE e PP que nos deixam um país sem ferrocarril agás a promessa de ter um Eixo Atlântico Cedofeito ("prácticamente terminado").

Diante da lâmpada do Aladino eleitoral, ouvimos em 35 anos anúncios de comboios de sustentaçom aérea, velocidade sónica, vias magnéticas, TAV, pendolino, AVE, ultra-lixeiro etc. Muitas das vezes lemos que a viagem da Corunha a Lisboa levaria apenas duas horas. Há dias, a alguém se lhe escapou que a variante de Guillarei está ainda em fase de projeto.

No entanto, as usuárias do Eixo Atlântico de ferro (há quem di que de bronze) tenhem hoje quase duas horas de Compostela a Vigo (87 quilómetros) para ler jornais que publicam comunicados da ministra Pastor como se fosse dogma e fotos dos conselheiros da Junta com rosto de síndrome prediabético em véspera de centolas.

Os meios esqueçerom (entre outros) o debate do ferrocarril mais atrasado da UE. Nom se ham assustar se lhes tomamos a palavra e os consideramos praticamente liquidados.

# TRIBUNA



## George Orwell: lembrança do herói preguiçoso

Em 1936, George Orwell analisava graficamente as raízes da adesão popular ao Império britânico: “no sistema capitalista, com milhões de indianos som obrigados a viverem à beira da inanição para a Inglaterra poder ter um conforto relativo – umha situação negativa com a qual condescendemos cada vez que entramos num táxi ou comemos um prato de morangos com nata”. A alternativa,

permitir o esfarelamento do Império, suporia “reduzir a Inglaterra a umha ilhinha fria e pouco importante onde todos teriam que trabalhar muito e comer arenques e patacas”. Orwell concluiu que, na realidade, nenhuma pessoa de esquerdas deseja tal cousa, pois “muitas das opiniões revolucionárias retiram a sua força da convicção secreta de que nada pode ser mudado”.

Antom Santos

O jornalista nom chamava nestas linhas ao cinismo; muito menos pretendia procurar a distinção moral frente aos seus companheiros socialistas. Antes bem, ele participava dolorosamente desta cumplicidade soterrada com o imperialismo e a sua base industrial e carbonífera: “som um sémi-intelectual moderno degenerado que cairia para o lado se nom tomasse a minha chávena de chá ao pequeno almoço e se nom lesse o *New Statesman* às sextas feiras. É evidente que, em certo sentido, nom quero voltar a um modo de vida mais simples, mais difícil e provavelmente agrícola. No mesmo sentido, nom quero passar a beber menos, pagar as minhas dívidas, fazer mais exercício, ser fiel à minha mulher, etc. Mas num outro sentido mais permanente, quero todo isso”.

Por utilizarmos as palavras do psiquiatra Guillermo Rendueles, George Orwell foi um exemplo prototípico de 'herói preguiçoso'. Nada quijo saber de puritanismos morais, de martiriologios nem de revoluções profissionalizadas. E

contodo, declaradamente amarrado aos prazeres do homem convencional, soubo deixar de parte o que lhe era mais caro para atender o chamado do dever: abandonou o seu posto na administração colonial em Birmânia, atormentado pelas culpas; recebeu do sucesso literário quando este nom nascia da própria qualidade (“ser um autor com créditos firmados nas revistas mais dominantes significa entregar-se às mais nojentas campanhas de intriga (...) e beijar os traseiros de certos leonzinhos piolhosos”); e, como é sabido, implicou-se decididamente na guerra civil espanhola pra combater o fascismo, voltando à Inglaterra com um disparo no pescoço.

Escreveu parte da sua obra nuns tempos semelhantes aos nossos: se nom num sentido estritamente político, si na sua dimensão psicológica. Ontem como hoje, as classes médias abandonam a passividade, e as pessoas em geral pressentem futuros críticos, num ambiente desesperançado e vacilante: “as gentes andam envolvidas numha espécie de rede mortal de frustraões em que se torna mais e mais difícil conven-

.....  
 Em ‘Caminho para Wigan Pier’ criticou com severidade a falta de critério do movimento socialista  
 .....

cerem-se de que som felizes, ativas e úteis”. Foi dumha honestidade meritória, que por vezes lindava com a cruzeza. Mas se utilizou a pluma dum jeito tam audaz e desabrido foi para chamar a nom desfalecer, a manter sempre a iniciativa nos piores panoramas. Em *Caminho para Wigan Pier*, umha das suas obras menos conhecidas, deitou luz no pátio traseiro da sociedade industrial e criticou severamente a falta de critério do movimento socialista.

**Crónica do norte mineiro**

Pouco antes de marchar como voluntário à Catalunha, Orwell deixa o seu trabalho a média jornada numha livraria em Hampstead para atender umha encomenda editorial: Victor Gollancz

oferece-lhe redigir umha crónica da vida obreira no norte da Inglaterra, que sairia a lume no *Left Book Club*. Orwell aceita, escreve a obra e ainda lhe acrescenta umha segunda parte, duramente autocrítica com o socialismo britânico da altura. As suas conclusões fôrom tam impopulares e politicamente incorretas que os editores pretendêrom eliminá-las. Finalmente, o texto saiu a lume na íntegra em várias edições, e desde 2003 está disponível em galego-português.

O retrato da paisagem mineira alcança grande altura literária e jornalística. Hospedado em moradas de famílias trabalhadoras, comprovou de perto os efeitos do industrialismo nos seus atores fundamentais. Seguindo umha velha tradição inglesa, tanto esquerdista como reacionária, Orwell sentiu-se apavorado pola fealdade insuportável da desfeita fabril e urbana.

Como no século anterior figera William Morris, ou como na mesma jeira de entre-guerras fai J.R.R. Tolkien, Orwell emprega os seus escritos como desabafo e denúncia ante umha vontade depredadora que avançava com grande

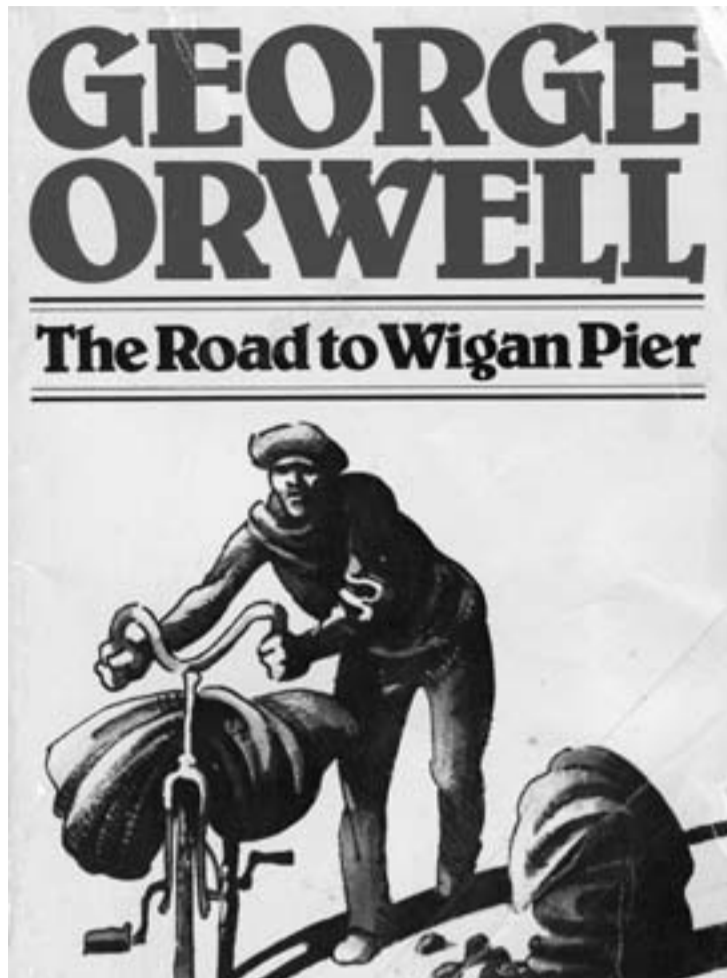
consenso. Custava-lhe admitir que se pudesse edificar umha sociedade justa e livre sobre um monte de entulhos, arrabaldes insalubres e montes devastados. Antes de se constituir o ecologismo assim denominado, e sem se conhecerem ainda os perigos que supunha a destruição da natureza, certos pensadores adivinhárom fundas implicações morais por trás dumha aparente questão estética.

Com efeito, a doença da Terra acompanhava-se de doenças humanas, física e psíquicas: nos lares dos desempregados domina um fedor permanente, um ambiente de indizível fraqueza e abandono que levam a Orwell a refletir sobre os limites do sofrimento: “no rosto exausto da rapariga de bairro pobre que tem vinte e cinco anos, mas pode ter quarenta (...) vim a expressom mais feliz e desesperada que me foi dado ver em dias de vida”. E neste ponto irrompe umha preocupação central nos intelectuais esquerdistas mais despertos, que detectam no poço sem fundo da degradação a incapacidade pra toda ação coletiva; poucos trechos podem reproduzir com

.....  
 Por atender as  
 contradições da  
 realidade sem  
 recurso à  
 maquilhagem,  
 soubo alviscar as  
 primeiras mostras da  
 sociedade de  
 consumo, ángulo  
 morto de tantas  
 reflexons da esquerda  
 .....

maior acerto essa atmosfera de indolência que se respira na falta de projetos e responsabilidade: “Nom era só a sujidade, os cheiros e a comida intragável, era também a sensação de podridom estagnada e sem sentido, de ter descido a um subterrâneo onde as pessoas se arrastavam sem cessar, como carochas pretas, em volta dum sarilho infundável de tarefas desleixadas e ressentimentos mesquinhos. O que as pessoas como os Brookers (a sua família de acolhida) tem de mais horrível é a forma como repetem as mesmas cousas vezes sem fim. Dam-nos a impressom de nom ser gente de carne e osso, mas umha espécie de fantasmas a entoar para todo sempre a mesma cantinela inútil”. De nada serve o nosso escândalo se damos com pessoas como os Brookers, pois som um dos subprodutos característicos do mundo moderno, o reverso da opulência.

Junto com as imagens mais intoleráveis perfilam-se outras bem distintas, mistura de dureza e dignidade. Se cumpre mergulhar nas coveiras da infra-vivenda e o desemprego crónico, também cumpre conhecer o proletariado ativo (quase sempre militante) para receber umha boa cura de humildade. No fundo da mina, Orwell dá de súpeto “com a maior parte dos atributos que imaginamos presentes no inferno”: calor, balbúrdio, confusom, escuridade, ar viciado e espaços claustrofóbicos. Mas lá o homem nom desfaleceu nem se rende e dá o melhor de si: o mineiro desloca enormes montanhas de carvom em posiçom anicada; fol-



ga apenas quinze minutos para o jantar e ainda demora um bom tempo no caminho de retorno a casa. O escritor sente abanar o seu estatuto de intelectual como pessoa acima do comum diante “destes homens de outro mundo”: o próprio mineiro, que professa um socialismo quase instintivo e nada dogmático, ainda tem forças pra se implicar na atividade sindical, sem reparar nos horários apertados, na febleza que causa a subnutriçom, ou na roupa esfarrapada que veste. Apesar de todo o horror e todas as desventuras, Orwell emociona-se ao encontrar “a atmosfera calorosa, decente e profundamente humana” dos lares operários alimentados polo trabalho fixo e a vida familiar. E contrapontando a tristeza que atravessa todo o livro, o autor conclui que, depois de conhecer de perto o melhor da condiçom proletária, “a nossa época nom foi assim tam má pra ser vivida”.

#### Consumo e paz social

O formoso e o sórdido, o digno e o vil, a esperança e o fastio entrecruzam-se na crónica orwelliana.

Por atender as contradições da realidade sem recurso à maquilhagem, soubo alviscar as primeiras mostras da sociedade de consumo, esse autêntico ángulo morto de tantas reflexons da esquerda. Retratou a “miséria da abundância” através dos seus grandes paradoxos: “vinte milhons de pessoas passam fome, mas quase todos na Inglaterra têm acesso à rádio. O que perdemos em alimento ganhamo-lo em eletricidade. Sectores inteiros da classe operária, privados do que realmente lhes faz falta, som compensados em parte com pequenos luxos baratos que lhes aliviam superficialmente a vida”. Mais empírico do que sistemático, tirou da observaçom a rés do chao muitas conclusons de alcanço. Apavorava-lhe a mania da gente nova e instruída por refletir “com o ruxe-ruxe dos noticiários soando aos berros”; observou os estragos que a comida rápida criava nos gostos e na constituiçom das classes médias; e com olhar agudo, detectou no processo de decadência física do habitante das urbes o culto a um conforto sempre crescente. Em todas as or-

dens, manifestava-se um incipiente desleixo de deveres primordiais que havia de carretar consequências políticas.

#### O perigo maquinista

As necessidades básicas e os hábitos mais nocivos fam-se possíveis graças à utilizaçom dum entramado tecnológico desmesurado e complexíssimo, alicerçado em última instância nos combustíveis fósseis: “para Hitler marchar a passo de ganso, para o papa poder denunciar o perigo bolchevista, para as multidons poderem assistir aos desafios do críquet em Lords, pra os poetas de Nancy poderem elogiar-se uns aos outros, o carvom tem de ser extraído”. Na época de Orwell, a ideia dumha sociedade milimetricamente organizada e devotada à inovaçom compulsiva nom alcançara ainda total unanimidade. Esta dependência da monocultura industrial era ainda sentida como feia, antinatural e mesmo perigosa, se bem ganhava adeptos velozmente. O autor receia que o entusiasmo socialista polo novo mundo tecnificado – paralelo ao que propagam os capitalistas – devenha num desafeto massivo pola esquerda. Com acerto, Orwell prediziu a adesom ao fascismo e à extrema direita de centos de milhars de pessoas, feridas polo desarraigo e cativadas pola retórica falsária da volta à tradiçom e à terra. Quando o progresso se associa ao ideal da eficiência mecânica, abre-se o caminho para os fanáticos dumha sinistra “sociedade inoxidável” porem-se à frente do movimento obreiro. Orwell tem palavras muito duras para intelectuais como H. G. Wells ou Bernard Shaw: entre as suas utopias futuristas e “os astutos e jovens arribistas social-literários”, a esquerda semelha fazer todo o possível por espantar as multidons susceptíveis de abraçar um programa igualitário.

E porém, esta nom era umha questom que se puder circunscrever à briga de façons políticas, pois envolvia um grande dilema antropológico. Por baixo da vontade de simplificar até a mais simples atividade humana, delegando-a na maquinária, assenta o ideal do amolecimento absoluto: portanto, da eliminaçom do traba-

lho como princípio estruturante da vida, como permanente fonte de superaçom e criatividade: “acima do mais completo atraso mental, a vida tem de ser vivida sobretudo em termos de esforço, porque o homem nom é, ao contrário do que supõem os hedonistas mais vulgares, umha espécie de estômago ambulante (...). Se deixamos de usar as maos, destruímos umha boa parte da nossa consciência”.

Enquanto nom mediar umha catástrofe de gigantescas dimensons, a sociedade da máquina vai permanecer. Orwell insiste neste ponto e vinca em várias ocasiõns na nossa dependência insalvável do seu entramado. Embora nos pudéssemos livrar, num esforço heroico e desejável, dos seus desenvolvimentos mais destrutivos (como a tecnologia bélica ou os meios de comunicaçom de massas), nenhum substitutivo poderia cobrir as nossas necessidades alimentares ou sanitárias. O autor burla-se sem compaixom de alguns ingleses românticos e abastados que fingem um retorno à vida primitiva armazenando para a sobrevivência toneladas de conservas industriais.

Oitenta anos depois de serem expostos, num panorama de entrega despreocupada às próteses tecnológicas, os muito moderados conselhos de Orwell aparecem-nos como atrevidos e desafiantes; já que a máquina chegou para ficar – razoava o inglês – será melhor aceitá-la como aceitamos os medicamentos: de má vontade e com funda desconfiança, como corresponde a todo produto útil, perigoso e viciante.

Nom sabemos se este antecipador de futuros sombrios intuiu que a adiçom às novas tecnologias viria de braços dados com a adiçom aos medicamentos. Com a valentia daquele herói perguiceiro, devéssemos reconhecer que, na ausência do sentido comum, os sonhos da razom ainda preparam monstros mais aterradores.

#### Bibliografia

Orwell, G: *Caminho para Wigan Pier*. Antígona. Lisboa, 2003.  
 Ivrea / Encyclopédie des Nuisances: *George Orwell ante sus calumniadores*. El salmón / DDT banaketak. Alacant, 2014

# VÊS ISTO?

mais de 800 assinantes, milhars de internautas e um público atento às tuas propostas também o estão a ver

publicidade@novasgz.com



Queremos dar **VOZ**  
 às que lutam

www.diarioliberalidade.org  
 Portal anticapitalista da Galiza e os povos lusófonos

# GD

Subscríbete



www.galiciaconfidencial.com





## ESTRELA VERMELHA CELEBRA O SEU XVIII ANIVERSÁRIO COMO VENCEDORA DA LIGA GALEGA DE FUTEBOL GAÉLICO



O Estrela Vermelha proclamou-se como campião masculino da segunda edição da Liga Galega de Futebol Gaélico por segundo ano consecutivo.

Conseguiu-no mantendo-se como a única equipa invicta do país,

figurando na sua tabela dos últimos dois anos 20 vitórias e zero derrotas. A vitória matemática lograda polo Estrela após vencer aos Fillos de Breogán da Corunha coincidiu com a celebração do XVIII aniversário da equipa, que

nascera em 1997 como equipa de futebol convencional.

O Estrela Vermelha nom foi a única equipa que repetir vitória. As Irmandinhas da Estrada também revalidaram o seu título de campioas da liga feminina.

# O futebol popular triunfa em Ourense

## A UD Ourense, fundada por seguidores do CD Ourense no verao de 2014, conseguiu um ascenso no seu primeiro ano de vida

DENÍS I. LLAMAS / Estádio do Couto. 21 de dezembro de 2014. Um milheiro e meio de pessoas acodem às bancadas para ver um jogo de Terceira Regional, o Unión Deportiva Ourense - Palmés. O ourensanismo volta ao feudo em que o Clube Deportivo Ourense (1952 - 2014) deu os seus últimos toques em maio desse ano quando ainda era equipa de Segunda B. Apenas sete

meses separam estas imagens, um período em que os seguidores passáram de chorar a desaparición duma equipa histórica, convertida em Sociedade Anónima Deportiva, a levar adiante um projeto popular, cujo destino está fixado polos seus sócios. Umha proposta que colheitou no passado 7 de março o seu primeiro êxito desportivo: o ascenso a Segunda Regional.

“A UD Ourense é umha homenagem ao CD Ourense, uma equipa à qual as institucións e os máximos acionistas deixáram morrer”, indica Modesto García, o primeiro presidente da entidade unionista. Di do seu cargo que é umha simples formalidade num clube que se rege polo seguinte sistema: um sócio, um voto. A Unión foi inscrita o 3 de julho de 2014 no registro de entidades desportivas da Junta, e o 14, na Federação Galega. Entretanto, a CD Ourense S.A.D vivia os seus últimos tempos nos gabinetes, dos quais ainda nom saiu. A sociedade está num limbo judicial em que caírom outros históricos como o CD Logroñés ou a UD Salamanca. O ourensanismo segue vivo graças a 371 sócios fundadores que pugérom do seu bolso 100 euros iniciais para criar num tempo recorde umha UD Ourense que possui mais de 1.220 sócios, nom só ourensanos, mas também de diferentes pontos do Estado e do globo, porque ala onde houve um abonado ou seguidor do CD Ourense, haverá um potencial sócio do clube unionista.

### Clubes por iniciativa popular, umha tendência estatal

A UD Ourense integra-se dentro dos conhecidos como clubes por iniciativa popular, que están espalhados por todo o Estado Espanhol: o Atlético Club de Socios (2007), SD Logroñés (2009), CAP Ciudad de Murcia (2010), CD Palencia (2011), FC Tarraco (2012), Xérez Deportivo FC (2013), Unionistas de Salamanca FC (2013). A estes há que somar o UC Ceares (1946), uma equipa do bairro gijonés homónimo que em 2010 evitou a desaparición graças à entrada dumha diretiva de jovens que baseárom a sua



proposta na de equipas como o AFC Wimbledon ou FC United, pioneiros dum momento democrático desportivo que medra ano após ano. O celme do equipo foi a Plataforma SOS Ourense, que convocou manifestações e apresentou alternativas para evitar a desaparición do CD Ourense. Porém, umha dívida de mais de 2,5 milhons de euros, pagos pendentes de mais de 160.000 euros com antigos jogadores e o incumprimento do concurso de credores assinado em 2006 condenárom uma equipa à qual lhe fechárom as portas da competição desportiva. Outra equipa galega, o Celta, comprou para o seu filial a vaga que a equipa vermelha deixou em Segunda B por 265.000 euros.

“Os últimos acontecimentos mostram que pode existir o futebol democrático, em que os sócios decidam até onde querem chegar as suas equipas. A fórmula do negócio e do mercantilismo revelou-se fracassada”, afirma Rubén Conde, secretário e o membro mais novo dumha diretiva composta por doze pessoas, que pertencem a algunha das claques que tivo a equipa vermelha. Todas, sem exceção, aderírom ao projeto da UD Ourense, em que também participou desde o início a Asociación de Ex-xogadores do CD Ourense, também representada na diretiva. “Quando passem os anos, lembraremos que os primeiros que vestírom a elástica da Unión fôrom jogadores míticos do CD Ourense como Ramón Dacosta, Víctor Arias, ou Adolfo

Domínguez Cendón”, lembra Modesto García, quem descreve o clube que preside como “umha grande família”. No plantel unionista convivem mitos do ourensanismo com futebolistas como Xaco ou Xurxo Bouzo, o que mais minutos acumula este curso “jogadores que poderiam estar a disputar a Terceira Divisom ou Preferente”, defende Antonio Dacosta, treinador da Unión que chegou a jogar em Primeira Divisom com RCD Mallorca. Ele e Perfecto Rodríguez ‘Peluso’ fôrom capazes de reunir em menos de duas semanas um grupo desportivo de garantias.

### De baixo e com a base

Nom todo foi um caminho de rosas. A UD Ourense tivo que fazer frente a importantes de-

bates internos e externos. Um deles foi o da possível fusom com outras equipas da cidade como o Ponte Ourense ou o AD Covadonga. “Ambos están em Primeira Regional, portanto um acordo poderia ter evitado que partíssemos da categoria mais baixa. Porém, em nenhum dos dous casos se chegou a um acordo”, assevera Rubén Conde. Este lembra como mudou a equipa do bairro da Ponte mudou o nome, apenas uns dias antes de fechar o prazo de inscrições para a campanha 2014 / 2015, polo de Ourense Club de Fútbol SAD, num intento por ocupar o espaço deixado polo CD Ourense. “O mesmo sucedeu quando solicitamos reabrir O Couto após vários meses jogando no campo dos Remedios. Eles subírom ao carro e concedêrom-lhe o uso do estádio apesar de possuírem dous terrenos de jogo em Oira”, afirma o secretário da UD Ourense.

“Ourense somos nós”. Este é o lema unionista, umha consigna com que se identificam todos os protagonistas dum conjunto que ganhou as suas primeiras batalhas dentro e fora do campo. Uma equipa com mais de 100 rapazes nas categorias base, “o verdadeiro sustento do clube”, segundo incidem todos os membros da diretiva. Com a temporada sem rematar, a UD Ourense propom-se agora rematar o ano desportivo contando todos os seus jogos como vitórias, um fito com o qual emulariam o plantel do CD Ourense que na temporada 1967 / 1968 conseguiu ganhar todos os jogos em Terceira Divisom, algo que nom conseguiu repetir nenhuma equipa numha competição estatal.





STEW HUNT/GAA

## Combinados nacionais de gaélico acariciam a glória em Abu Dabi

**A equipa masculina proclamou-se subcampeoa dos Jogos Internacionais. O feminino alcançou um meritório terceiro posto. Mancu, porteiro da Irmandinha, foi nomeado melhor jogador do tomeio.**

**DENIS I. LLAMAS** / Galiza cumpriu com a história em Abu Dabi. Duas seleções galegas de futebol gaélico, unha feminina e outra masculina, conseguiram um bronze e unha prata nos primeiros Jogos Internacionais organizados pola Gaelic Athletic Association (GAA). Num desporto com mais de 130 anos de existência, os futebolistas galegos precisaram pouco menos dum lustro para fazer-se um nome. Jogadoras e jogadores do Mecos Ogrobe, Irmandinhos da Estrada, Fillos de Breogán e do Estrela Vermelha colocaram no mapa desportivo mundial a Galiza, que deu um grande passo para a oficialidade dos seus combinados.

Em julho de 2012, de mao do coletivo Siareiras Galegas, o com-

binado nacional disputou em Naron contra Bretanha o seu primeiro jogo internacional. Após muito trabalho e jogos, a GAA reconheceu a importância do gaélico galego com o convite ao primeiro mundial desta modalidade, que começou a ser praticada na Galiza no ano 2010, ano em que foi apresentada a equipa decana, a corunhesa Fillos de Breogán.

### Às portas do triunfo

O conjunto masculino competiu dentro da modalidade conhecida como *Men's International Cup*. Estivo baixo a batuta de Jerry Holmes, um irlandês da pequena vila de Eadestown, no Condado de Kildare, que leva anos ministrando o ensino do principal desporto nacional irlandês no Irmandinhos da Estrada. O galego foi o único combinado nacional composto em exclusividade por jogadores autóctones.

Os irmandinhos venceram no seu debute a África do Sul (9-2). Perderam no segundo assalto frente Argentina (6-10) e eliminaram a seleção de Oriente Meio

(18-0), a equipa anfitriã, formado por jogadores de países como Omã, Qatar ou Kuwait. Na fase final, a seleção galega ganhou de novo a África do Sul (12-5), mas voltou perder perante Argentina, à qual apenas conseguiu vencer até o descanso. Os galegos não conseguiram manter a vantagem e, a equipa argentina, treinada por Pat Spillane que é considerado por muitos como melhor jogador da história do gaélico, logrou o primeiro posto na prorrogación após empatar com unha falta no último minuto do tempo regulamentário.

A equipa feminina, comandada por Carlos Antonio Torres Pérez, também da Irmandinhos da Estrada, tomou partido da modalidade da *Ladies International Cup*. As galegas debutaram com vitória frente a África do Sul (10-5). Correu pior contra o representante americano na competição, Canadá, que acabou 12-0. Tampouco conseguiram resultados positivos contra Oriente Meio, nem na fase prévia (9-4), nem em semifinais

(15-7). No plano das distinções individuais as galegas Lucía Cortizo e Laura Paz foron elegidas na equipa feminina ideal do mundial. Na masculina foram coroados Pablo Miragaya e José Antonio Barbeito 'Mancu', porteiro da seleção que foi nomeado melhor jogador do torneio.

### As Irmandinhas, segundas na primeira prova do Campeonato Ibérico de Futebol Gaélico

De forma paralela à cita mundialista, as Irmandinhas e o seu filial, as Braithreachas A Estrada, as Filhas de Breogán e as Mecas de OGrobe participaram na primeira prova do Campeonato Ibérico de Futebol Gaélico realizado em Madrid, unha competição reconhecida polo Comité Europeu de Desportes Gaélicos em que participam equipas de toda a Península Ibérica. As Irmandinhas chegaram até a final, na qual foram derrotadas pelo Madrid Harpettes, anfitriom deste torneio. Na equipa masculina, os representantes galegos foram afetados pelas baixas

da convocatória para os Jogos Mundiais de Abu Dabi e não conseguiram chegar às finais, nas quais também saiu vitoriosa a equipa madrileña, fundada em março de 2014 por um grupo de irlandeses.

Após o êxito mundialista toca voltar à rotina laboral e da Liga Galega de futebol gaélico. As e os seleccionados galegos vão tentar procurar com as suas equipas o título das segundas edições dos torneios feminino e masculino. O gaélico parece não ter limites no território galego, onde cabe salientar também o labor desempenhado pelas equipas da Liga Gallaecia, a primeira liga mista do Mundo, em que competem cinco equipas mistas: o Suevia FG (2012), Afiadoras FG (2012), Torques de Lugoslavia (2013), Cascailha FG (2013) e o Ambilokwoi FG (2013). Todos os clubes têm convertido o gaélico num desporto referência num país que graças a esta modalidade tivo por primeira vez nome e vontade própria num encontro internacional.

bar  
faluya

Orzán 75,  
A Coruña

Rúa

Restaurante

Tel. 981 55 64 69  
Santiago de Compostela  
Rúa de San Pedro, 24

neves  
asesoría

Francisco Xosé Neves Alvarez  
Graduado Social  
R/ Morales Hidalgo, 16  
36860 Ponte Areas  
Teléfono: 986 644 059

O POZO

ruela das ánimas 1  
compostela \* galiza

COMPOSTELA

avante

# TEMPOS LIVRES

## A CRIANÇA NATURAL

# Bom 8 de março, maes!

**Mais um 8 de Março, saímos a rúa, com faixas, slogans, escautamos os espiches e enchemo-nos de raiva e ilusom. Mas como sempre, fartamo-nos de que a precariedade laboral tenha rosto de mulher e a feminização da pobreza seja um termo extenso para falar dum fenómeno em que as mulheres somos as protagonistas. Mais um 8 de março continuamos igual, se nom pior quanto à precariedade, salários e desemprego. Como sempre, as mulheres moças e maes levam a pior parte quanto a abusos laborais e exploraçom.**

**MARIA ÁLVARES** / Quando és mae, costuma acontecer que o que pensavas antes, pouco ou nada tem a ver com o que pensas após ter a criança: mudam prioridades e necessidades, os planos pessoais e coletivos. Esta é a radiografia com que me encontrei nos últimos anos: As que querem desenvolver umha criança consciente reformulam a sua vida de milhares de modos diferentes, que para isto, fórmulas há muitas!, mas sempre se chega ao mesmo ponto: deixar o trabalho de fora da casa para trabalhar na casa e na maternidade

(sem ser assalariadas, claro; nem tam sequer valorizadas). Há quem voltou para a aldeia a trabalhar a terra, quem decidiu criar pequenas comunidades e viver à margem dum sistema que pouco pensa nas necessidades materno-filiais, também quem decidiu dedica-se a fazer artesanía na casa e vendê-la para ajudar na economia familiar... Depois também están as velhas fórmulas (quem puder) de reduçom de jornada ou exceções.

O que é claro é que no estado espanhol e na sua concepçom do trabalho, nom há hipótese de desenvolver umha criança de dedicaçom, aleitamento e apego com apenas quatro meses de licença.

Quem nom pode ou nom quer renunciar ao seu trabalho, vive angustiada a volta ao mesmo demonstrado que é igual de efetiva que há um ano enquanto deixa o seu bebé na creche ou com a avó cedendo a outra mulher os mimos que ela gostaria de dar, mudando o peito pelo biberom e nom tendo a paciência após 8 horas de jornada laboral para brincar ou passar umha noite de insónia consolando o bebé. Porém, como sempre, a culpa persegue-nos... se a culpa tivesse rosto, este seria o de umha mulher!



LEANDRO LAMAS

Há maes que decidem mudar de trabalho: abrem um negócio dedicado muitas vezes à criança onde as suas filhas as acompanham, pois nesse trabalho, nom están mal vistas.

Nos últimos anos multiplicárom-se as doulas, assessoras de aleitamento, de porteio, lojas de criança natural... para satisfazer necessidades que se pensava que as maes nom tinham: todos som ofícios de acompanhamento, de assessoramento; para desenvol-

verem as emoçoms, o contacto e o apego. Algo que até há nom muito tempo era quase tabu verbalizar.

E que papel jogam os homens, os pais? Eles nom som pressionados no seu posto de trabalho por serem papás, a sua licença de paternidade apenas dura quinze dias, estranhamente reduzem a sua jornada laboral ou deixam o trabalho para atender as crianças. Quando procuram um novo emprego, nunca se lhes pergunta se tenhem

filhos, isto nom é um problema, dá-se por sentado que eles nom os cuidam. Mas pouco a pouco também começa a haver homens que ficam na casa, que porteiam, que querem desenvolver umha paternidade diferente da que lhes ensinárom. A crise bem é certo, que também ajudou a isto.

O feminismo dos anos 70 criticava a essa mulher que tinha filhas e se fechava na casa. Agora falamos de feminismo da diferença, nom negamos a nossa maternida-

de, nom pretendemos demonstrar que somos iguais que os homens porque simplesmente nom queremos ser iguais que eles. Queremos ser maes (as que queremos!), cuidar as filhas, falar de emoçoms.

Como sempre as soluçoms aos novos reptos sociais venhem de nós mesmas: tecer redes, coletividade, maes de dia, apoio mútuo, grupos de aleitamento, terra, mudança de roles, escolas que “semeiam” novas pedagogias... Somos conscientes de que o combate continua na rua, mas nom ficamos de braços cruzadas esperando que “papá Estado” nos dê soluçoms.

Entretanto continuamos a lutar nas nossas batalhas pessoais: fugir da culpa, da eterna competiçom com nós próprias e com outra maes, dos julgamentos... formamos os nossos companheiros na paternidade consciente e indignamo-nos quando os pais nom som capazes de renunciar aos seus privilégios.

Já nom queremos ser as melhores maes, companheiras nem trabalhadoras, sabemos que isso nom existe. Conformamo-nos com aprender do dia das nossas filhas e filhos para que elas podam medrar um pouquinho mais livres do que medramos nós.

## ENTRELINHAS

## OS 'COMICS DESDE HICKSVILLE' DE DYLAN HORROCKS

**SÍLVIA PINHA** / Pessoas que fazemos vida em galego. Pessoas que achamos que os quadrinhos também som literatura e entramos em livrarias de banda desenhada ou na seçom de comic das bibliotecas públicas. Pessoas que fazemos as duas cousas ao tempo frustramo-nos infinitas vezes. Há pouco onde escolher e ainda tanto por ler...

Atrever-se a editar banda desenhada na Galiza supom umha sorte de salto com os olhos fechados. Mais se todas as histórias do livro están ao nosso dispor na página do autor, em inglês, mas de balde. Só que ler em galego e em papel, ao abrigo dumha árvore, frente ao lume, num bus tedioso, é umha outra cousa.

Por isso é que som necessárias estas ediçoms, simples e cuidadas, onde se nos achega um pedaci-

nho do que se lê por ai adiante. “Comics desde Hicksville” é umha seleçom de histórias curtas, desde os '90 até os 2000, que servem para nos achegar a um autor que, além de contar histórias de super-heroínas, é capaz de se mostrar nas suas personagens.

Dylan Horrocks mora (e nasceu) em Nova Zelândia, e localiza as histórias na sua ilha, mas estas podem se mover no nom-lugar. A sinceridade das suas personagens é a do universal. Do início ao fim as páginas convertem-se num edredom para o inverno e dam ganas de entrar nos quadrinhos e acarinhar os desenhos. Estám sentados conosco à mesa, falando-nos e olhando-nos; conhecemos os seus sentimentos e trememos com as suas emoçoms. Porque Horrocks está nos seus desenhos, e transfigu-



ra-se em Sam Zabel ao longo da sua obra para assim colocar a distância que se precisa para falar dumha própria.

Mas nom só ele está na narraçom. Nalgumha histórias de “Comics desde Hicksville” é possível identificarmo-nos co-

mo a primeira pessoa. Todo o que nelas se conta pode fazer parte dos nossos caminhos. Se em “Cornucópia” reconhecemos o país imaginário como o mesmo que aparece nos nossos sonhos e aonde nos deixamos cair, em “O meu mundo” é o nosso desejo o que se mostra através da paisagem, numha afirmaçom clara e consciente.

Se calhar “Siso” nos desassossegue aos olhos adultos: só crianças, bonequinhos, espíritos voadores na forma de mulheres formosas; todo para explicar o horror e o medo, mas também a resiliência e um mole colchom que está à nossa volta ou dentro do peito.

Em “Três bíblias de Tijuana” nom há diálogo, é um anedotário do namoro visto de fora, em desenhos fotográficos de diário sentimental.

“A última história da Fox” (e derradeira deste livro) é, como “Hicksville” (1998) e “The Magic Pen” (2014), a abertura das portas do coração do autor. Já o traço é muito mais confuso, feito desde a tensom da raiva e da tristeza. Tanta paixom na sua vida e a incapacidade de a gerir no imediato. O bloqueio, o pánico diante dessa parálise. E nesse momento nom há paciência que sirva, é apenas o reencontro com a beleza e o prazer que produz o que pode salvar a criaçom (e a vida que a cria). Irmo-nos longe do que amamos para poder estar mais perto e perder o medo.

Talvez seja que os nossos antípodas som semelhantes a nós.

Dylan Horrocks  
Comics desde Hicksville  
Estaleiro Editora 2014

## QUE FAZER

**15.03.2015 / ROTEIRO POLOS ACEVAIS DE PIORNEDO (ANCARES) / 09:00** frente à Faculdade de Formação do Professorado (Avenida Ramón Ferreiro). LUGO

Organiza Adega-Lugo. Há que reservar em [adegalugo@adega.gal](mailto:adegalugo@adega.gal) ou ligando para o 982 240 299.

**17.03.2015 / MERCADO ENTRE LUSCO E FUSCO / 17:00** no parque de Belvis. COMPOSTELA

Feira de produtos locais, biológicos e de comércio justo. Todas as terças-feiras.

**17.03.2015 / PROJEÇOM DE MUITO MAIS QUE RUÍDO / 19:00** no Ateneu Ferrolano (Rua Magdalena 202-204). FERROL

Organiza Rádio Filispim, dentro do ciclo de atividades polo seu 10º aniversário.

**18.03.2015 / PROJEÇOM DE SEMPRE HÁ UM MANHÁ, DE DOUGLAS SIRK / 21:30** no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA

Organiza o Cineclube de Compostela. VOSG.

**19.03.2015 / PROJEÇONS DE 'AS GHATAS SALVAXES' / 20:30** no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO

**19.03.2015 / FESTA SUEVO IRLANDESA / 22:30** na Fundação Artábria (Travessa de Batalhons, 7 - Esteiro). FERROL

Concerto com Maghúa e foliada "sueva".

**20.03.2015 / CONCERTO ACÚSTICO DE RUBÉN ARTABE / 21:00** no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO

**21.03.2015 / III JORNADAS DE MÚSICA TRADICIONAL / 11:00** na Casa de Cultura Manuel Lueiro Rey (Rua Monte da Vila, s/n). OGROBE

Organiza a A.C. Cantodorxo. Cursos de pandeireta e canto tradicional dirigidos por Davide Salvado. Mais informação em [www.cantodorxo.es](http://www.cantodorxo.es).

**21.03.2015 / CONCERTO DE GUADI GALEGO / 21:00** no Multiúsos da Junqueira (Passeio da Junqueira, s/n). REDONDELA

Ciclo 'Rede de músicas soltas'.

**21.03.2015 / SERÁM 'FROLES MARELIÑAS' / 21:30** na sede de Froles Mareliñas (Nave amarela da antiga estação de Renfe de Chapela). REDONDELA

**21.03.2015 / CONCERTO DE SOKRAM / À noite** na Asso-



## CORUNHA, COMPOSTELA E VIGO

## Jornadas para "recuperar a soberania" e lutar contra o tratado de livre comércio TTIP

O coletivo Eoar organiza, de jeito descentralizado e entre os meses de março e abril, as jornadas 'Recuperar a soberania, desarmar o TTIP (Tratado Transatlântico para o Comércio e o Investimento)'.

As jornadas consistem num ciclo de quatro palestras e umha videoconferência com as que pretendem, dum ponto de vista anti-

capitalista e antiimperialista, analisar e dar a conhecer as consequências dos tratados de livre comércio que negociam os Estados Unidos e a União Europeia.

Susan George vai ser a primeira protagonista numha conferência em Vigo, o 26 de março. Continuam Albano Dante Fachín, o 4 de abril (também em Vigo), Ricar-

do García Zaldívar, o 9 de abril (em Compostela) e Arcadi Oliveres, o 14 de abril (na Corunha).

Está pendente de confirmar a data da videoconferência com Florent Marcellesi. Eoar vai informar desta e outras novidades das jornadas no blogue criado para as mesmas: <https://recuperarsoberania.wordpress.com/>.



## DEDICADA À SEXUALIDADE

## Semana da Filosofia em abril

A Aula Castelao organiza em Ponte Vedra, do 6 ao 10 de abril, a XXXII Semana Galega de Filosofia. O tema seleccionado para o estudo e debate em 2015 é 'Filosofia e sexualidade'. As sessões dividem-se nas de "reflexom filosófica sobre a sexualida-

de", "a sexualidade vista da Galiza" e "a sexualidade a debate". Todas elas vam ser no Teatro Principal de Ponte Vedra, de 10:30 a 22:00.

O programa completo está no site da Aula Castelao: <http://aulacastelao.gal/>.

**21.03.2015 / CONCERTO XEBRA (Rua Leandro Cucumy, 19). BURELA**

**21.03.2015 / CONCERTO VI-GOFREE 2ª EDIÇOM / À noite** no C.S. Distrito 09 (Rua Figueirido, 89 - Coia). VIGO

Batalha de freestyle organizada polo coletivo Track Asedio.

**22.03.2015 / III CONCURSO DE XOVES GAITEIROS SOLISTAS / 11:30** na Casa de Cultura Manuel Lueiro Rey (Rua Monte da Vila, s/n). OGROBE

Organiza a A.C. Cantodorxo. Mais informação em [www.cantodorxo.es](http://www.cantodorxo.es).

**24.03.2015 / PROJEÇOM DE LABORARE CON LENTEZZA**

**/ 19:00** no Ateneu Ferrolano (Rua Magdalena 202-204). FERROL

Organiza Rádio Filispim, dentro do ciclo de atividades polo seu 10º aniversário.

**25.03.2015 / PROJEÇOM DE QUANDO VÉM O GATO, DE VOJTECH JASNÝ / 21:30** no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA

Organiza o Cineclube de Compostela. VOSG.

**26.03.2015 / CINE CLUBE 100 / 20:30** no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO

**26.03.2015 / PROJEÇOM DE A VOLTA DOS NOVE / 20:30** no C.S. Mádía Leva (Rua Se-

## ATLÁNTICA

## Festival de Narraçom Oral

Compostela acolhe, até o 19 de março, o III Festival Internacional de Narraçom Oral Atlántica. Inclui contadores e contadoras galegas e da Inglaterra, Uruguai, Portugal ou Japom. O programa desenvolve-se em diferentes espaços de Compostela, Teio e Vigo e pode ser consultado aqui: <http://festivalatlantica.com>. No dia de encerramento haverá umha 'Homenagem à Galiza Encantada' no Museu do Povo Galego.

**27.03.2015 / CONCERTOS DE ISAAK, ATLANTIC VALLEY E ZICUTA / À noite** no C.S. Distrito 09 (Rua Figueirido, 89 - Coia). VIGO

**27.03.2015 / CONCERTOS DE ISAAK, ATLANTIC VALLEY E ZICUTA / À noite** no C.S. Distrito 09 (Rua Figueirido, 89 - Coia). VIGO

**28.03.2015 / II ATURUJO À TERRA / Todo o dia** na Eira da Xoana (Ramil). GOLADA

Mais informação e programa em <http://eiradaxoana.com/>.

**28.03.2015 / CONCERTO DE SOKRAM / À noite** no Liceo Mutante (Rua Rosalia de Castro, 100). BURELA

**28.03.2015 / CONCERTO DE HABELAS HAINAS / À noite** na Associação El Pueblo (Saumed). BOLA

**28.03.2015 / CONCERTO DE ASPERGILLUS + RAIBA / À noite** no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA

**29.03.2015 / 'RECEBE A PRIMAVERA COM UM TANGO' / 18:30** na Associação Ítaca (Rua do Pombal, 18). COMPOSTELA

Dentro do programa 'Cámbialle a cara aos domingos'.

**30.03.2015 / APRESENTAÇOM DO CURSO DE TAMBORIL E BOMBO / 20:00** no C.S. Mádía Leva (Rua Serra dos Ancares, 18). LUGO

**31.03.2015 / PROJEÇONS DE RADIOACTIVIDAD E LAS RADIOS COMUNITARIAS / 19:00** no Ateneu Ferrolano (Rua Magdalena 202-204). FERROL

Organiza Rádio Filispim, dentro do ciclo de atividades polo seu 10º aniversário.

**02.04.2015 / KURRALA ROCK / 20:00** no campo de futebol (Corrubedo). RIBEIRA

Atuam Sutura, Eskorbutando Cicatrices ou Konfliktio, entre outros grupos.

**02.04.2015 / CINE CLUBE 100 / 20:30** no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO

**07.04.2015 / CLUBE DE LEITURA / 19:30** no Ateneu Ferrolano (Rua Magdalena 202-204). FERROL

Todas as primeiras terças-feiras de mês.

**11.04.2015 / JORNADA SOBRE SEGURANÇA NAS COMUNICAÇONS E NAS TRANSAÇONS EM ENTORNOS LIVRES / 10:00** na Residencia Altamar (Rua Cesáreo González, 4). VIGO

Organiza o Grupo de Amigos de Linux de Ponte Vedra (GAL-Pon).

**11.04.2015 / CEIA CONCERTO COM PÉ DE POTE / 21:30** na Casa da Cultura (Rua Rainha Dona Urraca, s/n). SALVATERRA DE MINHO

Organiza SCD Condado. Informação e reserva de entradas em [info@scdcondado.org](mailto:info@scdcondado.org).

ENVA CONVOCATÓRIAS ao correio agenda@novasgz.com antes do dia 12 de cada mês. Anuncia os teus atos no NOVAS DA GALIZA.

Lola Maceiras

## REBENTÁ-LO TODO

eu já há tempo que comecei a cansar. *de que linda estás, mas que saia tam curta. de que pintasavas podías arranjar-te um pouco, mulher. do nom che vai nada esse vestido com esses pelos, por que nom te depilas? do as mulheres están mais lindas com a cara lavada, mas podías dissimular um pouco essas borbulhas.*

há muito tempo que cansei de dar explicaçõs. há tempo que cansei de tentar razoar, argumentar para quem nom presta os ouvidos nem tem interesse. Há tempo que cansei de repetir que sim, que também há mulheres machistas porque a sociedade inteira o é, mas que isso nom justifica nada nem pode servir de escusa a ninguém. de explicar que a coerência é complicada, que eu também fum criada nesta sociedade enferma e ainda me resta muito que purgar dentro.

mas do que cansei mais de todas as cousas é de ter que estar sempre alerta, de ter toda a responsabilidade sobre os meus ombros. de ser eu quem tem que detectar e prever as condutas machistas. de ser eu quem tenha que deixar de ir a certos sítios, a certas horas. de ter que tomar todas as precauçõs. de ser eu quem tenha que identificar a violência, denunciá-la, deixar relaçõs, abandonar a casa. justificar e demonstrar que o que digo é certo. nom zangarme quando me dim que exagero, que sou umha histórica. que sou umha radical.

de ser eu quem tenha que levantar a voz quando estou a ser violentada e que todas e cada umha das campanhas e dos recursos públicos sejam dirigidos a mim, às mulheres. e nom a quem violenta, a quem agride, a quem é criado para mandar, para ter o poder. a quem nom tem por que questionar-se o que fai nem porquê o fai.

portanto, dentro do meu cansaço, só penso em sair aí fora e rebentá-lo todo. responder à violência com violência. Obviar os meus princípios. e dar que pensar a quem se empenha em crer que a mulher é mais pacífica por natureza.



FERNANDO LEIMA

## ENTREVISTA A PETER PUNK, PALHAÇO

# “Um povo que ri é um povo que nom tem medo”

**AARÓN L. RIVAS / Gosto muito de ser palhaço de rua, porque sempre trabalho para um público, que ainda que alguns se empenhem, sempre ides ser um público que nunca será privado”. Com estas palavras costuma rematar o Peter Punk o seu espetáculo e bem valem como carta de apresentação para entender com que espírito desenvolve o seu ofício. Envoltos**

### Como nasce Peter Punk?

Comecei no liceu, fazendo teatro e jogos malabares. O do palhaço nasceu depois, quando descobrim o Festiclown e o mundo mais profissional. O nome do Peter Punk véu dumha amiga, numha noite saindo por aí. Eu andava sempre com o monociclo, com aspecto meio punki, e dixo-me “tu és Peter Punk”. Sempre fum bastante neno e sempre tive um interesse polo que acontece onde vivo. Há um compromisso político e umha série de cousas que nom podo evitar dizê-las. O nome tem algo também de bufom, que é o que se burla de todo, dos poderes estabelecidos. Logo, o movimento punk é de rebeldia e de aspecto mui provocador. Entom, 'Peter Punk' respondia mui bem a toda essa parte de mim. E já quando fum 'Peter Punk do país do Nunca Mais' quadrava mui bem todo.

### De onde tira Peter Punk toda a sua trangalhada para fazer rir o público?

Levo já quase 15 anos de trajetória. O primeiro espetáculo de palhaço de rua foi de baú e mala. Mas chega um momento em que tés que fazer algo novo e daí saiu a ideia da chungatrona, umha máquina que me deita baldes de água por riba e esmaga bolos so-

bre a minha cabeça. Sempre gostei de reinventar o clássico. Queria fazer o número do tanque de água, em que está o palhaço sentado acima, tiram à diana e o palhaço cai. Nunca o vim em direto e queria fazê-lo, mas era mui pouco prático. Entom, porque nom fazer que che caíam dous baldes de água? Foi também culpa do Walter Velázquez, um diretor argentino, que somos mui amigos, e trabalhamos mui bem juntos. Dirigi-me já dous espetáculos: 'Peter Punk e o Neno Imperdible' e 'Peor Imposible'. Gosto muito de jogar com os brinquedos do palhaço.

### Podemos considerar-te um trabalhador do riso. Tés reflexionado sobre qual é o papel que ocupa o riso numha sociedade como a atual?

Custa-me muito explicá-lo, pois é um trabalho que fago sem pensar. Todos as crianças rim inatamente, mas depois vás-te fazendo adulto... Rimos pouco, realmente. E acho que rir sim que é mui importante. Quando estive na Palestina com Palhaços em Rebeldia, o Pepe Viyuela explicava que nesses sítios em conflito ele percebeu que as pessoas dali vem o espetáculo e pensam “nossa, este tipo véu ate aqui para fazer isto. A esta gente importa-lhe o que acontece aqui e vem fazer rir a gente”. E

nas cores preta e vermelha, Peter Punk leva anos percorrendo a Galiza e parte do mundo, como a Palestina, fazendo rir, mas também agitando consciências. Numha tarde cinzenta na cidade de Vigo o Peter Punk bebe umha cerveja e relata anedotas e experiências entre risos. “Nos meus espetáculos ou ris ou tragas saliva”, comenta.

por um momento, quando estás a ver este espetáculo, estás a rir. E aí radica um pouco a importância do riso. Em que te esqueces de todo e estás aqui e agora com umha energia que é positiva para ti e que te fai sentir algo bom. É importante, sobretudo nos tempos de crise, rir da situação em que se vive, rir de nós próprios, rir dos demais... porque isso também dá medo ao poder. Quando ris deles, quando estás a fazer bromas, isso para eles também é perigoso. Um povo que ri é um povo que nom tem medo. Alguém que ri é alguém que tem esperança.

### Mas o Peter Punk também levou o seu espectáculo polas aldeias galegas, nom é?

Conheço a Galiza polo meu trabalho. Houve duas programaçõs em que fomos por várias aldeias. Umha foi com a Deputaçom de Lugo há uns anos, que consistia em levar espetáculos a zonas rurais afastadas. O mais longe foi Negueira de Moniz, além da Fonsagrada... Havia sete pessoas no público e duas eram da comuna que há por ali. Tiveram que ir-se para cruzar o rio e depois as montanhas, que já era em Astúries. Depois houve umha outra programaçom que promovera um técnico de cultura que daquela trabalhava na Estrada. Figemos

umha gira dum projeto que tínhamos na cooperativa Culturactiva: a Carpactiva. Tratava-se dumha carpa em que colhiam umhas sessenta ou oitenta pessoas. O espetáculo consistia num monólogo em galego e a atuaçom dum palhaço por todas as paróquias da Estrada. Na Galiza estive em muitos sítios. O ano passado também estive nas Canárias, em julho fum convidado a um festival na Polónia, outro ano estive no Brasil. Sempre sais por aí, mas o meu público principalmente está na Galiza.

### Algumha vez encontraste um público que nom risse?

Sim! O caso das mulheres é mui Sim, mas isso é culpa do artista. Evidentemente, nom vai gostar todo o mundo do que tu fás..., mas eu já passei essa etapa do princípio em que vás com medo. Quando alguém conta uma piada, nom se ri ninguém e fica com cara de parvo é quando talvez a gente possa rir. E aí é onde o público quer o artista. Pom-se no seu lado. Como quando a um malabarista que se lhe caem as maçãs e sentes solidariedade com a pessoa que o está passando mal. Sentes-te identificado com essa pessoa, e o palhaço também trabalha um pouco a partir daí, do fracasso.